



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Willianice Soares Maia

**AS MARGENS RUIDOSAS DO SILÊNCIO: A AÇÃO EDUCACIONAL
DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS EM XAPURI - ACRE (1928-1975)**

Paranaíba/MS

2018

Willianice Soares Maia

**AS MARGENS RUIDOSAS DO SILÊNCIO: A AÇÃO EDUCACIONAL
DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS EM XAPURI - ACRE (1928-1975)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Educação.

Orientadora: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

Paranaíba - MS

2018

Maia, Willianice Soares.

As margens ruidosas do silêncio: a ação educacional das servas de Maria
Reparadoras em Xapuri - Acre (1928-1975)/

Willianice Soares Maia. Paranaíba, MS: [s.n.], 2018.

84f.; 30cm

Orientador: Ademilson Batista Paes.
Dissertação (Mestrado) - Unidade Universitária de Paranaíba. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

1. Educação acreana. 2. Servas de Maria Reparadoras. 3. Cultura. 4. Xapuri.

WILLIANICE SOARES MAIA

**AS MARGENS RUIDOSAS DO SILÊNCIO: A AÇÃO EDUCACIONAL
DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS EM XAPURI - ACRE (1928-1975)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (Orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^a. Dra. Adriana Aparecida Pinto
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof^a. Dra. Estela Natalina Mantovani
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dedico esse trabalho a Deus e à minha amiga, professora e conselheira, Dra. Margarete Edul Prado de Souza. Sou muito grata a força que esta me deu nesse trabalho e as oportunidades que me fez chegar onde tenho chegado. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos que me motivaram e acreditaram junto a mim na realização desse sonho, como meu orientador, em especial, Ademilson Batista Paes, que me mostrou o caminho, incentivando-me e clareando-me os passos nos quais muitas vezes me pareciam escuros e sem rumo, ele me fez ver a luz no fim do túnel e acreditou na minha capacidade de ascender e progredir. - Professor, conseguimos!

Aos professores do mestrado que contribuíram muito com meu conhecimento, em especial, a Professora, Estela Mantovani, que muito me orientou e me ajudou com o embasamento teórico dessa dissertação.

Não poderia também jamais esquecer o meu companheiro e amigo de todas as horas, Edvardo Cavalcante Mendonça, que me apoiou, sempre acreditando no meu trabalho.

À minha filha, Júlia Maia Mendonça, que mesmo sem entender o porquê de tudo isso me deixava fazer minhas leituras, mas sempre reclamava!

À minha irmã, Williane Soares Maia da Silva e sobrinho Luiz Felipe Maia da Costa, que me ajudaram na pesquisa sem hesitar, me auxiliando no mapeamento documental.

À colega de profissão, Claudia Adriana Macedo, religiosa e solícita que me ajudou muito, no levantamento documental na cidade de Xapuri – Acre, junto à escola Divina Providência.

Ao meu professor e amigo, Rossemildo dos Santos, que muito me ajudou com as obras de Sena Madureira.

Ao meu amigo e companheiro de todas as horas, Fábio Geraldo de Ávila, que tanto me ajudou e motivou com sua sapiência e carinho a mim dispensados.

Aos meus colegas de turma do mestrado, pois juntos éramos um. Uma turma maravilhosa e harmônica. Em especial, Patrícia Féboli e Arlindo que sempre caminhávamos juntos nas idas e vindas dos encontros de mestrado, e quantas estórias e histórias compartilhamos.

E, jamais esquecer às amigas de todas as horas, Laís Tosta e Ariane Xavier, que nos ajudávamos nas orientações do nosso querido mestre, Ademilson Batista Paes.

Aos meus familiares que sempre acreditaram em mim, e ainda posso afirmar que acreditaram muito mais que eu.

À minha mãe querida e amada, que sempre me levou a passos mais longos. Te amo, mãe!

Às escolas visitadas em Sena Madureira, Xapuri e Rio Branco por terem me proporcionado a realização desse trabalho.

Às religiosas, Servas de Maria Reparadoras, que nos trataram com muito carinho e atenção, nos auxiliando em toda a pesquisa, mostrando-nos toda a parte documental e doando suas histórias para que fossem contadas nesse trabalho. Meu muito obrigada!

À escola Divina Providência, que me recebeu com todo respeito à minha pesquisa, mostrando-me todo o material disponível nos arquivos do Colégio, a qual agradeço muito a disposição e atenção.

Ao Instituto Federal de São Paulo, que me oportunizou participar da seleção de mestrado na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, liberando-me dos horários de trabalho e ainda me dando suporte para a aprovação, e se assim não o fosse, não alcançaria a conclusão dessa etapa em minha vida acadêmica.

Ao Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, agradeço pelo apoio financeiro proporcionado pelo programa de incentivo à qualificação, atenção e compreensão na minha participação do mestrado na UEMS.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado, vinculada à linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, teve como objeto de investigação identificar e analisar as fontes documentais das ações educacionais da Congregação Servas de Maria Reparadoras no município de Xapuri /Acre. Este trabalho adotou como corpus os documentos arquivados no Instituto Divina Providência, gerida no período entre 1928 a 1985 pelas Servas de Maria Reparadoras. Esta pesquisa intitulada *As Margens Ruidosas do Silêncio: A Ação Educacional das Servas de Maria Reparadoras em Xapuri - acre (1928-1985)*, pertence ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa História, Sociedade e Educação, do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB). Dentre as fontes documentais, destacamos as que registram a história da fundadora da Congregação das Servas de Maria Reparadoras, Madre Elisa Andreoli e da diretora pioneira do Instituto Divina Providência, Madre Maria Gabriela Nardi. Resgatamos e salientamos a história da Escola Divina Providência por que foi a escola primeira sob a direção das Servas de Maria Reparadoras, com a criação do primeiro Curso Normal, para a formação de professores a nível ginásial e posteriormente a nível médio. Os principais teóricos que embasaram este trabalho foram centrados na história da educação do Brasil, história do Acre, História da educação acreana e história da educação católica no Acre. Dentre estes, podemos citar: Ginelli, Kalume, Margarete Souza, Saviani, Leonardi, Manoel, Furquin, Genio e outros que justifiquem essa pesquisa. A cultura escolar é fundamental na discussão dessa pesquisa, em razão das marcas da Congregação e da cultura da Igreja Católica enraizadas na cultura local xapuriense, tais como as festas natalinas da quaresma e da páscoa, quermesses e outras mais no ambiente escolar. Conhecer a história de um lugar e dos atores que formam esse cenário é importante para contribuir com a história local e da educação do Acre.

Palavras-chave: Educação acreana. Servas de Maria Reparadoras. Cultura. Xapuri.

ABSTRACT

This dissertation, linked to the research line "History, Society and Education" of the Graduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul, had the objective of identifying and analyzing documentary sources of educational actions of the Congregation Servas de Maria Reparadoras in the municipality of Xapuri / Acre. This paper adopted as corpus the documents filed in the Divine Providence Institute, managed in the period between 1928 and 1985 by the Servants of Reparatory Mary. This research entitled *The Noisy Margins of Silence: The Educational Action of the Reparative Mary Servants in Xapuri - acre (1928-1985)*, belongs to the Postgraduate Program in Education, area of concentration in Education, Language and Society of the State University of Mato Grosso do Sul, University Unit of Paranaíba, in the research line History, Society and Education of the Group of Studies and Research in History and Historiography of Brazilian Education (GEPHEB). Among the documentary sources, we highlight those that record the history of the founder of the Congregation of the Servants of Reparatory Mary, Mother Elisa Andreoli and the pioneer director of the Divine Providence Institute, Mother Maria Gabriela Nardi. We rescue and emphasize the history of the Divine Providence School because it was the first school under the direction of the Servants of Reparatory Mary, with the creation of the first Normal Course, for the training of teachers at junior and junior high level. The main theorists who supported this work were centered on the history of education in Brazil, history of Acre, History of Acre education and history of Catholic education in Acre. Among these, we can mention: Ginelli, Kalume, Margarete Souza, Saviani, Leonardi, Manoel, Furquin, Genio and others that justify this research. The school culture is fundamental in the discussion of this research, due to the marks of the Congregation and the culture of the Catholic Church rooted in the local culture of Xapuriense, such as the Christmas festivities of Lent and Easter, quermesses and others in the school environment. Knowing the history of a place and the actors that form this scenario is important to contribute to the local history and education of Acre.

Keywords: Acre education. Servants of Reparatory Mary. Culture. Xapuri.

SIGLAS

SMR – Servas de Maria Reparadora

CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Trabalhos acadêmicos Stricto Sensu em nível de Mestrado sobre educação Católica no Brasil - 2017.....	19
QUADRO 2 – Trabalhos acadêmicos Stricto Sensu em nível de Doutorado sobre educação Católica no Brasil - 2017.....	20
QUADRO 3 – Número de Congregações, Ordens e Institutos femininos por período de chegada ao Brasil.....	28
QUADRO 4 – As comunidades atendidas pela Congregação SMR no Acre por município.....	36
QUADRO 5 – Descrição das normas e punições.....	46
QUADRO 6 – Professores que atuaram no colégio Divina Providência no período de 1928 a 1975.....	54
QUADRO 7 – Diretores e seus períodos administrativos.....	56
QUADRO 8 – Corpo docente do Curso Normal Ginásial.....	59

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Congregação Servas de Maria Reparadora.....	23
FIGURA 2 – Primeira escola fundada pelas SMR.....	35
FIGURA 3 – Primeiras estruturas para ação de escolarização das SMR.....	37
FIGURA 4 – Construção do Colégio Santa Juliana.....	41
FIGURA 5 – Meninas atendidas pela Congregação SMR.....	42
FIGURA 6 – Escola Divina Providência – Xapuri-Acre.....	44
FIGURA 7 – Orientação da direção do colégio.....	47
FIGURA 8 – Histórico da Escola Divina Providência.....	48
FIGURA 9 – Alunos do Colégio Divina Providência.....	49
FIGURA 10 – Quadro do pessoal administrativo de 1968.....	51
FIGURA 11 – Lista dos professores do curso ginásial normal.....	53
FIGURA 12 - Maria Hildebranda da Pra – Diretora da escola Divina Providência de 1956 a 1959.....	56
FIGURA 13 – Formatura das primeiras professoras do curso Normal.....	58
FIGURA 14 – Exame admissional e disciplinas ofertadas no Curso Normal Ginásial.....	61
FIGURA 15 – Currículo do Ginásio da escola Divina Providência de 1970.....	62
FIGURA 16 – Quadro demonstrativo do pessoal docente e disciplinas ofertadas em 1972.....	63
FIGURA 17 – Missa de início do ano letivo.....	66
FIGURA 18 – Desfile 7 de setembro.....	68
FIGURA 19 – Aula inaugural do ano letivo de 1969.....	70
FIGURA 20 – Aula inaugural do ano letivo de 1969.....	71
FIGURA 21 – Campanha natalina realizada pela escola.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 Congregação das Servas de Maria Reparadoras	23
1.1 Missões Católicas	27
1.2 Congregações Femininas no Brasil.....	28
1.3 Madre Elisa Andreoli.....	30
1.4 Reconhecimento Pontifício para a ação missionária	32
1.5 Um olhar para a educação.....	36
2 A ação de escolarização das Servas de Maria	37
2.1 O silêncio da floresta pelo analfabetismo.....	38
2.2 Uma luz no fim do túnel	38
2.3 Instituto Santa Juliana.....	40
2.4 Efetivação do trabalho educacional das Servas de Maria.....	41
3 Divina providência para o município de Xapuri	43
3.1 Escola Divina Providência.....	44
3.2 Ações, normas e punições – Tradições Católicas no seio da Amazônia	45
3.3 Organização do sistema escolar.....	49
3.4 Profissionalização docente: Curso Normal Ginásial	58
3.5 Divina Providência: entre festas e orações	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	83
Anexo 1: Arquivos da Escola Divina Providência.....	83
Anexo 2: Questionário com informativo do Colégio Divina Providência.....	84
Anexo 3: Disciplinas ministradas no Curso Normal Ginásial em 1963.....	85
Anexo 4: Disciplinas ministradas no Curso Normal Ginásial em 1963.....	86
Anexo 5: Diploma do Curso Normal Regional.....	87
Anexo 6: Convite Vocacional.....	88

Serena mata brilhante
Berço de pura semente
Sangue no coração, muito amor
Minha aldeia
(Sergio Souto)

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa surgiu desde o momento em que, como aluna de Letras e bolsista de iniciação científica, orientada pelo professor, Dr. Henrique Silvestre, na Universidade Federal do Acre, no ano de 2008, tomei conhecimento da história acerca do trabalho de escolarização das irmãs Servas de Maria Reparadoras, no município de Xapuri. Esta história me tocou muito de perto, em razão de ter sido professora no Colégio Divina Providência, local em que as servitas tiveram sua maior atuação na educação acreana.

Ao iniciar meu curso de mestrado em educação, meu orientador, Dr. Ademilson Batista Paes, também me sugeriu tratar sobre a educação em minha terra natal, fazendo-me recordar do meu interesse sobre a história do Divina Providência e da contribuição da Igreja Católica para a educação. Primeiramente, a minha intenção era tratar sobre a história da educação católica em todo território acreano, entretanto, a extensão de tal trabalho se adequaria melhor a uma pesquisa de doutoramento. Deste modo, fizemos um recorte centrado em Xapuri.

Esta pesquisa tem como foco a história da educação acreana realizada pela Congregação das Servas de Maria Reparadoras nesse município. Apesar do Acre ter sido anexado ao Brasil em 1903, a primeira escola só foi construída em Xapuri em 1928, denominada Divina Providência, estabelecimento, no qual as servitas iniciaram seu trabalho pedagógico na Amazônia.

A congregação, Servas de Maria Reparadoras, contribuiu para a história do estado do Acre principalmente na área educacional. E são estas ações educacionais que esse trabalho pretendeu resgatar por meio de documentos recolhidos no colégio Divina Providência e no convento das Servas de Maria Reparadoras em Rio Branco.

Em razão da colonização portuguesa, a Igreja Católica desempenhou um papel na construção da identidade brasileira, principalmente em razão das ações educacionais tradicionais nos séculos XIX e XX. Ela está em destaque na construção da história educacional da maioria dos estados brasileiros. É possível afirmar, que o modelo de educação que temos no Brasil em pleno século XXI continua alicerçado nos modelos educacionais da Igreja Católica Apostólica Romana, como por exemplo o ensino religioso católico, mesmo existindo pelo país afora tantas escolas metodistas, luteranas, batistas; contudo, as origens do ensino com viés religioso continuam pertencendo ao modelo do catolicismo. É fato que a educação, em território nacional, foi iniciada e solidificada por raízes católicas.

Com toda a tecnologia, que dispomos no século XXI, a velocidade dos fatos e seus registros, praticamente não há mais limites para a reconstrução e resgate de qualquer temática de estudo, embora sempre seja preciso percorrer vias pedregosas. Contudo, “não é fácil tratar da situação do historiador no tempo em que vivemos cuja marca principal é a rapidez e a intensidade das rupturas” (FERREIRA, 2008, p. 1). Por isso, fazer essa retomada histórica teve suas dificuldades, tais como fazer o recorte da temática a ser tratada, atingir objetivos mais específicos, como encontrar os documentos escolares em arquivos trancados e empoeirados, papéis amarelados e envelhecidos, fotos emboloradas que comprovassem essa pesquisa.

Assim como etapas, adotamos os seguintes passos, marcar encontros com as freiras, SMR, para acessar os documentos existentes no Colégio, Imaculada Conceição. Marcar a visita ao arquivo da escola e acessar os documentos no colégio, Divina Providência. Vale salientar, que a maioria dos documentos localizados haviam sido consumidos pelas traças e muitos destes se perderam na cheia histórica que atingiu o estado Acre no ano de 2015, foi inundada cerca de 80% da cidade de Xapuri. A escola Divina Providência ficou metade embaixo d'água, perdendo boa parte dos arquivos. Fizemos várias visitas à escola, para localizar, selecionar e fotografar os documentos. Foram horas a fio lendo, relendo documentos com mais de 50 anos, de 1928 a 1975, dos documentos que não se perderam com a enchente.

O segundo momento foi o levantamento da fundamentação teórica, em que buscamos aporte em Julia, Certeau, e da crítica do que já existe publicado sobre a história da educação católica no Brasil e no Acre. Os principais autores que embasaram nossa pesquisa foram aqueles que tratam da história da educação no Brasil, da educação católica e, principalmente, da história da educação no Acre, como a irmã Giovanna Ginelli, diretora e professora do Colégio Divina Providência em Xapuri, nos anos 1960, que também é a autora do relato mais completo que já se publicou da história da educação acreana, em três volumes, intitulado *História da Educação no Acre*, desde o período departamental até ao territorial. O trabalho desta tem, em sua dedicatória, as seguintes palavras: “aos pioneiros da educação, às Servas de Maria Reparadoras, da Província Nossa Senhora de Guadalupe”. (Ginelli, p.11, 2008). A obra de Margarete Edul Prado de Souza, *Motivos de Mulher na Amazônia*, as produções das irmãs SMR, Mollinetti e Brizzi: *Servas de Maria Reparadoras – Vivências Missionárias no Acre*, como também o livro de Maria Rosario Del Genio, *A força da fragilidade: Uma biografia de Elisa Andreoli*, entre outras obras que ajudaram no embasamento dessa pesquisa.

O terceiro passo foi a leitura, fichamento dos documentos selecionados. Esses documentos foram digitalizados e fotografados com a ajuda do celular, separados por data, assunto e posteriormente foram usados para a análise e produção da dissertação, e ajudando a

reconstruir as ações de ensino das SMR, no colégio Divina Providência, além de suas vivências na educação acreana.

Contudo, para entender o processo educacional católico, foi preciso fazer uma retomada histórica desde os princípios da educação no Acre, verificando que o “cristianismo operou uma profunda revolução cultural no mundo antigo, talvez a mais profunda que o mundo ocidental tenha conhecido na sua história” (CAMBI, 1999, p. 121). A representação do cristianismo como novo modelo de sociedade, “além dos sucessos políticos, o cristianismo permaneceu uma voz radicalmente revolucionária (...) ele vem assim, dar vida a um novo modelo de civilização conotado por uma ideia de cultura que coloca no centro o fator religioso” (CAMBI, 1999, p. 122).

A problemática mencionada justifica a razão de realizar essa pesquisa, como também serviu para verificar como ocorreu o processo educacional acreano em seus primórdios, bem como descrever a continuação ou descontinuação desse momento histórico na educação acreana. No entanto, situar a história e buscando delimitar o percurso histórico de uma sociedade, compreendendo o lugar dos personagens de tal período.

Permite uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: — marcar um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço nas possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos (CERTEAU, 2002, p. 107).

As pesquisas que tratam da educação no Brasil são inúmeras, porém é possível fazer um levantamento dessas pesquisas, já que parte dessas, trata da história da educação, e nesse viés histórico que se pretendeu fazer essa sondagem, do que existia publicado sobre a ação educacional da Congregação SMR.

Congregações torna-se significativo para compreendermos a ação educacional da Igreja naquele momento republicano. Tais congregações trouxeram os reflexos das mudanças sociais que desencadearam na Europa e são caracterizadas pelos constantes ministérios voltados para a vida social, como saúde e educação. Então, verificamos que a educação feminina, igualmente, recebe importante atenção com a vinda destas Congregações Religiosas Femininas. (ROSSI; FILHO, 2006, p. 86)

Em pesquisa realizada no Anuário Católico foi possível ver a quantidade de congregações femininas existentes no Brasil e que estas estão divididas por congregações, cada

uma delas tem um carisma¹ a ser seguido. Algumas dessas congregações seguem na área da saúde e outras para a educação, nesta investigação trata-se apenas das congregações que tem como carisma a escolarização.

Diante dessa informação pode-se dizer que outras publicações vêm sendo geradas fora do Brasil e, também devido ao tempo de existência da congregação, ainda é possível dizer que possivelmente pesquisas que tratam da ação da Congregação Servas de Maria Reparadoras.

Limitar a pesquisa de publicações acadêmicas a ação da Congregação Servas de Maria Reparadoras gerou poucos trabalhos acadêmicos nessa temática educacional no Brasil, a tese e dissertação de mestrado de Jenura Clotilde Boff com a dissertação intitulada – Uma missão religiosa na Amazônia: 1920-1930. O encontro das Servas de Maria Reparadoras com a realidade do Purus e Acre, que foi defendida em 01 de julho de 1990 no Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e ainda da mesma autora foi localizada a tese de doutorado com o título - Espírito e missão. Estudo da experiência missionária inaugural das Servas de Maria reparadoras na Amazônia ocidental no início do século, a luz da teologia da obra Lucana e da teologia do período 1850-1930, defendida em 01 de março de 1994 no doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Estes trabalhos acadêmicos da autora Boff, foram os únicos trabalhos acadêmicos que trata das ações e sobre a Congregação das Servas de Maria Reparadoras no Brasil. No quadro abaixo, citaremos outros trabalhos elencados a essa temática de ações católicas na educação.

Quadro 1 – Trabalhos acadêmicos Stricto Sensu em Nível de Mestrado sobre educação Católica no Brasil - 2017

Dissertações
Educação da mulher e evangelização católica: um olhar sobre a Escola Normal N. Sra. do Patrocínio – Michelle Pereira da Silva
A educação católica da elite campineira na Primeira República: o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930) - Isabela Cristina Salgado
Pressupostos da prática educativa na Diocese de Caxias do Sul: 1934 a 1952 - Roque Maria Bocchese Grazziotin
O educandário Nossa Senhora Aparecida-Ipameri-GO (1936-1969) - Patrícia Rodrigues Luiz Peixoto

¹ Os carismas também chamado Dons do Espírito Santo, segundo o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, "são dons especiais do Espírito, concedidos a alguém para o bem dos homens, para as necessidades do mundo e, em particular, para a edificação da Igreja". (WIKIPÉDIA, acesso-31/05/2017)

Liga das senhoras de Cuiabá (1924-1935): O movimento da ação católica no Brasil e as associações femininas - Darlene Socorro da Silva Oliveira
IN SION FIRMATA SUM: A formação de meninas e moças no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba - Marcia Izabel dos Santos
Entre igreja, escola e sociedade: as irmãs Passionistas na construção de uma representação identitária em Colombo/Pr (1927 – 1978) - Mara Francieli Motin
Teologia, educação e escola católica: um diálogo necessário - Glória Fátima Costa do Nascimento
A busca do saber linguístico nas primeiras escolas femininas católicas da cidade de São Paulo - Ana Paula Sapaterra
A cruz e o diploma: a Igreja Católica e a educação em Quixadá nos séculos XX e XXI - Renato Moreira de Abrantes
Academia das Santas Virtudes: a educação do corpo feminino pelas Beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX - Maria Helena Câmara Lira
Igreja Católica e educação feminina - Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho
Educação católica e presença dominicana em Goiás (go): a cultura escolar no colégio Sant'anna (1940-1960) - Kênia Guimarães Furquim Camargo

Quadro 2 – Trabalhos acadêmicos Stricto Sensu em Nível de Doutorado sobre educação Católica no Brasil - 2017

Teses
Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo - Paula Leonardi
Entre o hábito e o carvão: Pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX - Giani Rabelo
Recomposição da vida religiosa: Estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas - Martina Maria Eudosia González Garcia
Conexões vicentinas: particularidades políticas e religiosas da educação confessional em Mariana e Lisboa oitocentista - Ana Cristina Pereira Lage
Entre a politização da fé e o carisma conservador: lideranças femininas no campo religioso - Vania Aparecida Pondian

É importante o levantamento sobre as congregações Católicas femininas, pois estas trouxeram um novo olhar para o papel da mulher no Brasil, assim,

O desenvolvimento de escolas católicas femininas criou probabilidade para a formação da mulher. No entanto, é imprescindível considerarmos, que abriu caminhos e possibilidades para a atuação da mulher não somente na sociedade, mas principalmente na Igreja. (ROSSI; FILHO, 2006, p. 84).

A educação feminina começou a ser vista como essencial no Brasil, mesmo que diferenciasse do modelo e metodologia do ensino aos homens, então a necessidade de educar essas meninas para os trabalhos do lar foi um dos motivos da vinda das congregações femininas para o Brasil.

Desde o decreto de 15 de Outubro de 1827, o governo imperial havia estabelecido um currículo não profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas-de-casa, compostas das seguintes disciplinas: leitura, escrita, doutrina católica e prendas domésticas. Porém, se o Estado instituiu um currículo para a educação feminina, e outro mais completo para a educação masculina (MANOEL, 1996, p. 23).

Pensar nessa problemática é algo rico para o mapeamento e complemento das lacunas na história da educação no Brasil e no estado do Acre. Para efeito de registrar os trabalhos da SMR, essa pesquisa foi dividida nas seguintes partes.

O primeiro capítulo aborda as origens da congregação Servas de Maria Reparadoras, desde a sua idealização por parte da fundadora Madre Elisa Andreoli, até o processo do reconhecimento da congregação pela Igreja e resgatar alguns aspectos da atuação educacional da Igreja Católica no Brasil. O número de professores Católicos no norte do Brasil, nas duas primeiras décadas do século XXI é cada vez menor, porém na época a qual esse trabalho se referiu, entre 1928 a 1975, os religiosos na educação eram maior número, principalmente no Acre.

O segundo capítulo vai tratar das ações de escolarização e evangelização da congregação, desde sua chegada ao Brasil e ao Acre, perpassando pela construção das primeiras escolas em solo acreano, com o auxílio da Igreja Católica e ainda a retomada histórica do Acre, na guerra contra os bolivianos, bem como a necessidade local em fazer-se ouvir pelo sistema educacional.

Contanto, abordar a história do Acre que sempre foi uma região com um dos índices mais baixos de escolaridade no Brasil é importante para entender como se deu a esses números, por isso as atividades concretizadas pela congregação das irmãs foram muitas, no período do recorte desse trabalho, resultando nas marcas encontradas na cultura e no modelo educacional atual herdado da cultura escolar Católica. No norte do Brasil, principalmente no Acre, ainda

estamos lentamente tentando estabelecer um espaço de destaque para escolarização educacional, visto que até o ano de 1975, boa parte da comunidade ainda permanecia semianalfabeta.

O terceiro capítulo foi centrado na história do Colégio Divina Providência e sua contribuição na educação de Xapuri, tendo sido uma escola gerida pelas Servas de Maria Reparadoras, desde sua fundação e idealizada pela Igreja Católica. Tratamos neste capítulo desde a formação de professores do curso Normal Ginásial, oferecido pelo Divina Providência até a construção de uma cultura escolar em Xapuri. A educação feminina foi abordada de forma especial, uma vez que o colégio Divina Providencia inicialmente, foi fundado somente para meninas, sendo uma das principais ações das freiras levar escolarização e profissionalização às meninas do município de Xapuri, nas primeiras décadas do século XX.

CAPÍTULO I - CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS

FIGURA 1: Imagem das SMR



Fonte: Arquivo da SMR – Colégio Imaculada Conceição

“Meu coração arde sempre mais de zelo para difundir a S. Ordem [dos Servos de Maria] e a reparação à Santíssima nossa Mãe e Rainha, Maria Dolorosa da qual eu me considero empreendedora” (GENIO, 2010, p.7).

A ação dos religiosos católicos no Brasil foi, no primeiro momento, catequizar e evangelizar, porém, tomou um viés educacional voltado inicialmente para a elite, e conseguinte, atendendo as outras classes. (ROMANELLI, 1977). Portanto, quando a congregação das Servas de Maria foi convidada pelo bispo acreano, para uma missão educacional no Acre, não hesitaram em aceitar, uma vez que a ação evangelizadora seria o foco central. Tratou-se de um trabalho pioneiro e desafiador na educação acreana, porém vale salientar, que chegando a essa região longínqua, terra de bravos (RANZI, 2008), assim considerado ao povo nordestino que veio para essa região e indígenas. A ação pedagógica fez-se obrigatória e necessária para a concretização da evangelização, diante de um cenário em que grande parte da comunidade era analfabeta, sido, portanto, diferencial para a educação no estado do Acre a chegada das freiras católicas.

As terras acreanas carregam muito suor e sangue em sua história, de acordo com os principais historiadores do Acre, como Carlos Alberto de Souza, Cleuza Ranzi, Dourado e Tocantins. A população do lugar teve que guerrear na coragem, terçado e conhecimento praticamente zero sobre guerra, “a conquista e formação territorial do atual estado do Acre, em plena Região Amazônica, foi empreendida por meio de expedições, lutas, insurreições e de tratados internacionais por vias diplomáticas tanto com a Bolívia e Peru” (SILVA, p. 62). A chegada dos nordestinos, que se tornariam seringueiros, foi carregada de promessas de ganhar dinheiro com o corte da seringa. Entretanto, não foi o que ocorreu, visto que estes acabavam bem mais endividados com o decorrer dos anos, do que quando chegavam. Os seringalistas mantinham os nordestinos escravizados nos seringais, presos ao “inferno verde²”, devido às dívidas que contraíam nos barracões, com alimentos enlatados, armas, pólvora, velas e lampiões, e os demais utensílios para a sobrevivência na extração da borracha.

Os recém-chegados eram, em grande maioria, totalmente analfabetos, com nenhum tipo de escolarização ou esclarecimentos do que viriam a passar em meio à floresta, aceitavam vir do Nordeste apenas com promessas de que ganhariam muita riqueza. Muitos destes nunca conseguiram voltar para casa ou arrecadar qualquer dinheiro que fosse, e ainda muitos sucumbiram com a malária, com a febre amarela e outras mazelas.

O Acre, nesse período, era um dos maiores contribuintes da união e o maior exportador de borracha, com o *boom* do látex. O grande interesse do Brasil na tomada do território acreano da Bolívia deveu-se em razão da grande contribuição econômica e riqueza que a borracha proporcionava. Nessa época, a região amazônica brasileira concentrava as maiores plantações de seringueira nativa. Esses seringueiros nordestinos, chamados de “brabos”, sem muitas alternativas, fugindo da fome e seca do Nordeste viriam a se tornar os “soldados da borracha”. Sem conhecimento nenhum de guerra, eles tiveram que lutar pela tomada do território acreano da Bolívia, em 1903.

Vencida a batalha, muitos ficaram perdidos no “mundo verde”, sem condições de retornar a suas terras, uma vez que eles tiveram de lutar pela sobrevivência, pela manutenção dos seringais em território brasileiro e reconstruir suas marcações e seringais.

No entanto passado o ápice da borracha o Acre não tinha tanto valor e interesse para o comércio estrangeiro, visto que os ingleses já haviam levado do Acre cerca de 70 mil sementes de seringa, replantadas na Malásia, na época da primeira guerra mundial (TOCANTINS, 1982).

² Expressão usada para definir os perigos e dificuldades encontradas na floresta Amazônica.

Deste modo, logo os ingleses se tornaram os maiores produtores da borracha e com um preço bem mais baixo, assim também aconteceu com parte da região sudeste do Brasil, uma vez que,

(...) a ocupação do Acre deveu-se ao interesse do Brasil e da Inglaterra na extração do látex da seringueira (*hevea brasiliensis*) espécie nativa da região. E obter-se a partir do processo de vulcanização a borracha, para a produção de pneumáticos. Assim, tivemos o Primeiro Ciclo da Borracha no Brasil. Com a vinda de muitos nordestinos, principalmente cearenses, a partir de 1877. (SILVA, p. 63)

Quando a região acreana já não tinha mais seu esplendor, os seringueiros viriam a cair no esquecimento, enquanto os seringais tomavam as formas de vilas, tornando-se mais tarde, em cidades, sendo exatamente nesse período que surgiu a primeira forma de escolarização no Acre. Foi contanto que a necessidade de escolarização trouxe os sacerdotes católicos para o Acre.

Portanto, as religiosas europeias se organizavam para efetivamente trabalhar na evangelização e educação dos povos na Amazônia. Assim, esta forma de educação seria (ARANHA, 2006, p. 25) a “educação popular oferecida de maneira não-letista, e nela o próprio povo se tornaria o sujeito do processo”. Muitas destas religiosas tinham alguma formação em magistério, e enfermagem, profissões predominantemente femininas, e o intuito era de atender ou ajudar as pessoas por meio da saúde e educação. A manifestação feminina na fundação de congregações, para a propagação do evangelho, foi realizada seguindo os caminhos dos servos de Maria; “o movimento de vinda de congregações estrangeiras para o Brasil foi mesmo iniciado no século XIX e teve seu ápice nas primeiras décadas do século XX. Além disso, o número de congregações femininas ultrapassa sensivelmente o número de congregações masculinas” (LEONARDI, 2008, p. 15).

A educação no Brasil teve a participação da Igreja como parte fundamental para a sua construção, porém, essa ação foi construída de formas distintas em cada região, pensamento que pode ser justificado pela extensão territorial desse país e a presença de Portugal no Brasil “em todo o Império Português – a Igreja Católica, reinou única, livre e soberana, nas suas ações de evangelização, catequese e educação formal, até a primeira metade do século XVIII”, (CASIMIRO, 2010, p. 84) Ainda ressaltou (SAVIANI, 2008, p. 39), “(...)A colonização do Brasil contou com a contribuição imprescindível das ordens religiosas” A igreja se fez presente e, “se associou à Monarquia para, através da palavra, implantar na nova terra a civilização dos que dela se apossavam” (SAVIANI, 2008, p. 5). Ainda sugeriu (ROMANELLI 1977, p. 33) que as “condições objetivas que, portanto, favoreceram essa ação educativa foram de um lado,

a organização social e, de outro, o conteúdo cultural que foi transportado para a colônia, através da formação mesma dos padres da companhia de Jesus”.

Uma das ações mais importantes das religiosas no Acre foi na cidade de Xapuri, uma vez que ela é uma das cidades mais importantes no contexto histórico acreano. Xapuri foi uma das cidades que principiou lutas históricas do Acre, como a tomada do território acreano da Bolívia. Assim, muita história tem-se para contar desse lugar, não somente histórias de luta, guerras e sofrimentos, porém, histórias do saber e de conquistas. Sabemos que o conhecimento liberta o homem, o liberta da ignorância de aceitar e tolerar a injustiça do outro. Esse mesmo conhecimento faz com que o aprendiz tenha uma noção e visão crítica do mundo, uma leitura melhor de vida e de tudo que o rodeia (FREIRE, 2005). A comunidade seringueira de Xapuri padecia, como todos os seringueiros das outras cidades acreanas, pois era muito explorada pelos seringalistas. Portanto, nas palavras de Chico Mendes, “o seringueiro trabalhava o ano todo achando que no final do ano lucraria algum saldo, mas sempre estava devendo” (Mendes – in NAKASHIMA, 2006, p. 16). Devido à falta do conhecimento dos números e das letras, o seringueiro era facilmente sujeitado aos “donos das terras”. Os seringalistas, que sempre cobravam em altos valores do que era consumido nos barracões e a dívida do seringueiro só aumentava. Muitos fugiam da seca cruel naquela região do sertão nordestino, em busca de ganhar dinheiro e voltar com algum no bolso para suas terras de origem. Mendes afirma: “minha vida começou igual a de todos os outros seringueiros: escravo submetido às ordens do patrão” (Mendes – in NAKASHIMA, 2006, p. 18). ROMANELLI justifica que [...]

[...] a economia brasileira fundada na grande propriedade e na mão-de-obra escrava teve implicações de ordem social e política bastante profundas[...] O isolamento e a estratificação social, está a princípio, basicamente dual, aliados à necessidade de manutenção de um esquema de segurança, favoreceram a uma estrutura de poder fundada na autoridade sem limites do dono de terras (ROMANELLI, 1977, p.33).

Nessa época, do período de 1930 a 1970, as escolas no município de Xapuri timidamente começavam a fazer parte da realidade local, mas, se tratando dos seringais, escolas nenhuma havia. Chico Mendes confirma que “durante muitos anos, desde o século passado até 1970, pelo que sei, em nenhum seringal da Amazônia era permitido criar escola” (MENDES- in NAKASHIMA, 2006, p.16). Se fosse permitido, como os donos das terras poderiam enganar e escravizar facilmente os seringueiros? Mantê-los sem acesso à alfabetização era muito importante para a continuação da exploração.

As missões das congregações no Brasil foram de certa forma uma providência em propagar o catolicismo no mundo.

1.1 Missões Católicas

O movimento ultramontano que se tratava das reações da Igreja frente as mudanças e transformações que vinham surgindo com a modernidade. A Igreja já não conseguia os domínios de outrora, praticamente o poder vinha se definindo nos limites do papado.

São anos incandescentes também para a história da igreja. Em 1870 é a tomada de Roma. O Estado Pontifício desaba e nasce a espinhosa “questão católica”, ou seja, uma hostilidade estrutural entre o estado italiano e a igreja, que impede aos católicos a participação ativa à vida política (o assim chamado “non expedit”) (GENIO, 2010, p. 14).

A Igreja precisava reagir a esse movimento, buscando formas de participar ou de intervir nessas mudanças inevitáveis na educação e todo o território nacional. Devido a isso [...]

[...] no que diz respeito à perda de espaço da Igreja, é importante entender que, no Brasil, principalmente até a Proclamação da República, diante dos problemas surgidos com o então mundo moderno, a Igreja passou então a investir na formação e reformulação dos quadros clericais, no incentivo à catequese e na criação de novas associações devocionais católicas dentro deste ideário ultramontano (CAMARGO, 2014, p. 50).

Como referência ao ultramontano, a Igreja precisou se reestabelecer, e manter-se ativa permanecendo difundir-se nas escolas, assim manteria seus ideais influenciando à educação. Saviani faz essa abordagem sobre a reação católica, afirmando que:

[...] a mobilização da igreja expressou-se na forma de resistência ativa articulando dois aspectos: a pressão para o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e a difusão do seu ideário pedagógico mediante a publicação de livros e artigos em revistas e jornais e, em especial, na forma de livros didáticos para uso nas escolas públicas assim como na formação de professores, para que ela dispunha de suas próprias Escolas Normais (SAVIANI, 2013, p. 179).

A Igreja teve dificuldades em aceitar as mudanças, porém se viu obrigada a entender esse novo processo e adequar-se a ele, sentindo a necessidade de acompanhar a evolução nos novos caminhos que surgiam.

[...] a igreja, em seu conjunto, ligada por laços históricos, sociais, políticos e culturais, teve dificuldades para entender o mundo industrial capitalista que nascia, com suas potencialidades e suas injustiças, assim como a modernidade, também ambígua, mas com dimensões promissoras e desafiantes (SOUZA in CERIS, 2000, p.17).

Foi, portanto que, as ações missionárias femininas no Brasil ocuparam bastante espaço, inicialmente pelo viés ultramontano, porém foi caminhando em novas conotações. A educação

sempre foi tão fundamental para a condição humana. Contudo, a Igreja Católica se esforçava em concentrar em si o ensino escolar no Brasil.

1.2 Congregações femininas no Brasil

A movimentação missionária feminina começou a se expandir em 1733, momento em que o número de ações missionárias femininas ultrapassava às masculinas vindas para o Brasil.

Embora durante o século XVIII o movimento de vinda de Congregações estrangeiras masculinas cesse e se inicie o processo de vinda de Congregações femininas, o número é ínfimo: apenas 03. Para o século XIX, os números mudam: são 16 Congregações masculinas e 17 femininas. No entanto, é necessário ressaltar que a chegada de Congregações masculinas se concentram nas últimas décadas do século XIX, enquanto que as femininas se dividiram ao longo de todo o século, ou seja, havia uma constância na entrada de Congregações femininas no Brasil a partir de meados do século XIX. Já no início do século XX, o movimento está claramente configurado: o número de Congregações femininas ultrapassava consideravelmente o número de masculinas, pois 34 femininas chegaram entre 1900 e 1912, e somente 11 masculinas, para o mesmo período. Assim, foi possível evidenciar que o movimento de vinda de Congregações estrangeiras para o Brasil foi mesmo iniciado no século XIX e teve seu ápice nas primeiras décadas do século XX (LEONARDI, 2006, p.1259).

De acordo com Leonardi (2006) é possível afirmar com dados que foi nas primeiras décadas do século XX maior o número de congregações femininas vindas para o Brasil e exatamente nesse período que foi a chegada da congregação das Servas de Maria Reparadoras para o estado do Acre.

QUADRO 3 - Número de Congregações, Ordens e Institutos femininos por período de chegada ao Brasil

Período	Número de Congregações, Ordens e Institutos Femininos
1733 – 1742	03
1849 – 1897	17
1900 – 1965	196
TOTAL	214

Fonte: LEONARDI, 2006, p. 1255 *apud* CERIS, Relatório, 1965

De 1900 a 1965 foi bem grande o número de congregações femininas vindas ao Brasil em relação aos períodos anteriores, pois se acreditava que a feminização do clero se deu pela entrada de muitas mulheres na religiosidade. Leonardi explica que [...]

[...] com relação a feminização do clero, trata-se da entrada de mulheres em grande quantidade para a chamada *vida religiosa*. Essa feminização revela-se em um modelo

de organização que se tornou dominante durante o século XIX, a saber, as Congregações com superiora geral. Essas instituições tinham a possibilidade de se desenvolverem em diversos lugares, mas sempre ligadas a superiora geral e a uma sede, chamada Casa Geral ou Casa Mãe, de onde emanavam todas as ordens e decisões sobre os rumos da Congregação: recrutamento, trabalhos assumidos, compras de prédios e etc (LEONARDI, 2008, p. 18).

Em relação à Congregação das Servas de Maria Reparadoras idas ao Acre, estavam ligadas a Casa Mãe, da qual a Superiora Geral que desde o princípio da fundação dessa Congregação tinha a preocupação com a educação da mulher, já que na sua vida havia sofrido muito após o abandono do pai e teve que buscar acolhida na Igreja Católica. Foi na vida religiosa que a fundadora da Congregação SMR encontrou a possibilidade de ascender e sobreviver, por esses motivos as suas preocupações com a representação da mulher para a família, não apenas a mulher voltada para os afazeres domésticos, mas, profissionalizar a mulher e possibilitar a muitas dessas à vida religiosa. E, também havia uma preocupação em afastar a mulher religiosa das mazelas do mundo moderno. De acordo com Manoel,

[...] apresenta uma Igreja que, estando no auge de sua política de romanização (denominada catolicismo ultramontano), substanciava verdadeira ojeriza a todas as ideias modernistas que punham em xeque as doutrinas da Santa Sé. Das páginas desse capítulo transparece também um clero conservador, capitaneado por Dom Antônio Joaquim de Melo, que não poupava esforços no ataque à modernidade e que enxergava na educação, em especial na educação feminina, uma forma de livrar a família brasileira dos males modernistas (MANOEL, 2010, p.942).

Nesse período já havia uma preocupação na educação da mulher, Manoel sugere que,

[...] se a educação das jovens não havia sido preocupação central para a oligarquia até as últimas décadas do século XIX, num momento em que as meninas eram educadas apenas para atender às lides domésticos, esse quadro alterar-se-ia radicalmente diante dos ideais modernistas que se propagaram no Brasil nos últimos decênios do século XIX. Esse novo contexto passou a exigir da mulher conhecimentos que iam além do preparo para dirigir uma casa ou governar seus escravos. Cobrava-se domínio sobre a leitura e a escrita e conhecimento mínimo da nova e complexa configuração mundial. Se a necessidade de uma educação “sociocultural” das mulheres se mostrava urgente, mais urgente ainda era para a oligarquia encontrar escolas que educassem as suas jovens (MANOEL, 2008, p. 942).

No período da expansão das Congregações femininas no Brasil e no mundo a mulher tinha um papel secundário, o da procriação, e tinha que seguir os passos da virgem santíssima, dedicar-se à família e ao marido, quando não a religiosidade.

O sexo feminino aglutinava atributos de pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo, entre outros, que colocavam as mulheres como responsáveis por toda beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social. Essa concepção sobre as qualidades femininas, mais a religiosidade e

ausência de instinto sexual das mulheres, induzia ao arquétipo religioso da comparação com a Virgem da religião católica (ALMEIDA, 1998, pp. 17-18).

Então cabia à mulher o papel de educar aos filhos, e o de ensinar, e foi com essas responsabilidades que muitas congregações femininas vieram para o Brasil. Pela educação evangelizar e aproximar as educandas dos caminhos da Igreja, assim foi o propósito maior da Congregação das Servas de Maria Reparadoras para o estado do Acre.

A importância da Congregação no Acre para a educação foi tão significativa que vamos brevemente pontuar alguns traços biográficos de sua fundadora.

1.3 Madre Elisa Andreoli

A Congregação das Servas de Maria Reparadoras que foi uma ordem criada com intuito de evangelizar a palavra de Deus, por meio de obras na saúde e educação, trabalhando como professoras e enfermeiras. A Igreja Católica, “a coloca entre as fundadoras que marcaram uma mudança decisiva à presença da igreja no mundo” (GENIO, 2010, p. 7).

Madre Elisa desvia-se da vocação para o casamento, e se dedica às obras da Igreja. Filha de mãe solteira e abandonada ainda pequena pelo pai alfaiate, sendo sua mãe, Margarida Ferraretto, e o pai, Marco Andriolo, era de família de poucas posses, a mãe se dedicava a ensinar às crianças locais a ler e escrever e ainda ensinava trabalhos manuais para as adolescentes da vizinhança (GENIO, 2010). Com o abandono do pai por volta de 1865,

[...] a ausência da figura masculina, uma desventura no plano humano, se torna uma oportunidade espiritual marcante na história de Elisa. Por um lado, consolidará de fato o vínculo determinante com a mãe terrena, Margarida, por outro, dá espaço a mãe celeste, a Maria, ponto de referência essencial do seu abandono confiante em Deus, e ao próprio Jesus, esposo fiel e inigualável (GENIO, 2010, p. 12).

Diante das necessidades por que passavam mãe e filha, sem condições de se manterem na cidade de Veneto, se mudaram para a cidade de Este, também na Itália, e lá estas são acolhidas em um abrigo, “(...) a vida no abrigo é bastante feliz: aprende-se a ler, escrever, costurar, fiar e tecer, lavar roupa e outros afazeres femininos (...) todos vão à igreja para a oração da manhã e, à tarde, se volta à igreja para a reza do terço. Aqui se estuda, reza, trabalha e brinca” (GENIO, 2010, p. 13).

Esse contato com as religiosas fez com que Elisa se dedicasse muito aos estudos e às obras de caridade e, seguiu na carreira do magistério por apreciação, incentivo religioso e aptidão. Em consequência,

[...] ao término do curso elementar no Instituto, é oferecido às meninas hóspedes a possibilidade de aprenderem um trabalho, acompanhadas até a idade de dezoito anos. Margarida, porém, sonha em futuro melhor para a sua filha e decide que ela continue os estudos. Assim, em 1872, deixa a cidade de Este, e vai para Veneza onde a filha é acolhida no colégio de Sant'Alvise das filhas de caridade, as madres canossianas. Aqui frequenta as classes complementares e superiores, como aluna da Escola Normal da cidade. O diploma, ali conseguido em 29 de agosto de 1878, a torna idônea ao ensinamento de professora elementar de grau superior e lhe servirá para obter das autoridades escolas as permissões necessárias de suas futuras obras (GENIO, 2010, p.14-15).

Com título de pedagogia, voltada ao ensino, Elisa Andreoli se dedicou às ações de escolarização, em uma época em que o analfabetismo era muito grande na Europa, que sempre foi primeiro mundo, pensemos então nas necessidades educacionais de um lugar longínquo como o Acre.

No dia 26 de outubro de 1880, submete-se ao exame de Educação “ginnica”, como previsto na nova orientação escolar. Obtém assim um diploma que poucas jovens do seu tempo têm e isto lhe permite desenvolver um trabalho muito solicitado num período de forte analfabetismo. As famílias naquele tempo não se preocupavam muito com a instrução dos filhos. Para a maior parte delas era suficiente que as crianças soubessem escrever, ler e fazer contas. De outro lado, ela é sensível à promoção humana, das mulheres em particular, que passa sobretudo através da instrução (GENIO, 2010, p. 15).

Contanto, foi um dos seus propósitos iniciais, levar pela missão ações de escolarização às meninas, haja vista que na época de fundação da congregação, a mulher tinha um papel secundário perante a sociedade, sem que tivesse acesso às escolas e ao trabalho fora do ambiente doméstico.

Nessa época, a mulher sai das suas quatro paredes e vai para a fábrica. A necessidade e a coragem fazem com que as crianças, os jovens, alguns trabalhem na fábrica para ajudar na renda familiar e outros perambulando pelas ruas. A família vai desagregando-se com estes problemas sociais. Contemporaneamente surge com mais clareza a vida consagrada masculina e de maneira mais forte e eficaz as congregações femininas; é um fenômeno típico e atrevido dessas mulheres corajosas, que foram conquistando seu espaço na sociedade e na igreja (FARIA, 2001, p. 15).

Nesse contexto seguindo a ordem dos Servos de Maria foi que Elisa conduziu seus passos e definiu a vida espiritual (GENIO, 2010). “Talvez exatamente, naquela ocasião tenha descoberto que a Ordem é uma das mais antigas na vida da igreja” (GENIO, 2010, p. 22). Por ter vivido em uma pobreza elevada e pela situação de ter vivido o abandono do pai, Elisa e sua mãe caminham juntas à vida religiosa e se dedicam a Deus, já que fora Este que lhes dera acolhida e assim em 1982 “no dia 25 de setembro se dirigem aos Servos de Maria para serem agregadas à Ordem, viverem segundo a Regra de S. Agostinho e terem as constituições adaptadas às Servas de Maria” (GENIO, 2010, p.27). Seguindo os caminhos e os passos dos Servos de Maria, Elisa e mais quatro irmãs se dirigiram ao Prior geral dos Servos em formar uma fundação as das Servas de Maria e afirmou “o nosso desejo de nos tornar Servas de Maria

Dolorosa se faz sempre mais vivo” (GENIO, 2010, p. 27). Elisa busca o reconhecimento da Congregação, pois com “a mudança da legislação do Direito Canônico que reconhece os institutos femininos de vida ativa e contemplativa, caracterizando as verdadeiras e próprias congregações religiosas” (FARIA, 2001, p. 15), e no “ano de 1892 marca, portanto, a etapa inicial da família religiosa fundada por Elisa” (GENIO, 2016, p.28). E foi quando a Congregação tomou força e buscar o reconhecimento para seguir em missões.

1.4 Reconhecimento Pontifício para a ação missionária

A Congregação inicialmente composta pelas quatro irmãs, Margarida Ferraretto, Elisa Andreoli, Agnese Vimercati e Carmela Regonesi, teve muita dificuldade em ter o reconhecimento da igreja, mesmo com toda dedicação às ações religiosas. Um dos motivos que fez tardar esse reconhecimento foi o fato de Margarida ainda ser casada, mesmo assumindo a viuvez, pois o marido havia sumido há muitos anos sem nenhuma notícia, então foi exigido das irmãs que tirassem o hábito e assim o fizeram, com obediência, porém, continuaram a se dedicar a Ordem dos Servos de Maria e às ações educacionais no jardim de infância na Itália. Toda ação das quatro perseverava e prosperava e foi assim que,

[...] no ano seguinte, em 12 de julho de 1900, as quatro irmãs emitem a profissão como terciárias dos Servos de Maria. Elas vivem de forma semelhantes às terciárias regulares com os votos de pobreza, castidade, obediência, assinam como irmãs, e são consideradas assim também pelo povo. Por este motivo, a data de 12 de julho de 1900 foi considerada como o dia do nascimento da congregação (GENIO, 2010, p.35).

A história de uma congregação parte de um princípio que precisa ser entendido também seu percurso até se compreender suas ações, pois, “(...) a história tem sua concepção cumulativa do tempo. Por isso, o presente tem sua melhor condição de entender o passado, do que este mesmo passado teve condições de entender a si mesmo. A história, portanto, trabalha no campo dos sentidos e das significações” (DECCA in SAVIANI et al, 2006, p. 19). Vale salientar que diante das significações e história dessa congregação é importante que se entenda todo o seu processo de construção para assim entender o método e as propostas pedagógicas daqueles que a seguia e em nome dessa construíram um modelo de escola no seio da floresta.

Para que essa congregação se estruturasse e tivesse o reconhecimento da igreja para seguir nas suas ações missionárias foi preciso passar por um longo período de construção, então são muitas as datas que marcam a história dessa congregação.

Na vida da Congregação, algumas datas são importantes: 19 de março de 1903, dom Antonio Polin, bispo de Ádria, aprova as Constituições e em 31 de março do mesmo ano, concede a instituição canônica em Família religiosa; em 19 de janeiro de 1910, o Prior geral dos Servos, frei Giuseppe M. Lucchesi, concede a Agregação à Ordem. Em 1911, após o encontro entre Madre M. Elisa e Maria Inglese (depois irmã M. Dolores), terciária dos Servos de Maria e promotora da «Pia Obra reparadora em honra de Maria Santíssima», a Congregação assume e faz própria a reparação mariana, que depois se torna parte integrante do seu patrimônio espiritual. Após este evento foram reelaboradas as Constituições, que o bispo dom Luigi Pellizzo aprova em 8 de dezembro de 1913. A partir desta data a Congregação assume o novo nome: Servas de Maria Reparadoras, confirmado pelo I Capítulo geral em 1920 (CSMR, Província Nossa Senhora de Aparecida).

Para o reconhecimento pontifício alguns critérios são primordiais para aceitação de uma associação, congregação e outros, sendo eles:

1º – O primado dado à vocação de cada cristão à santidade, manifestado nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade.

2º – A responsabilidade em professar a fé católica, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta.

3º – O testemunho de comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o Bispo “princípio visível e fundamento da unidade” da Igreja particular, e na “estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja”.

4º – A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja que é “a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências, de modo a conseguir permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes”.

5º – O empenho de uma presença na sociedade humana, que, à luz da doutrina social da Igreja, se coloque a serviço da dignidade integral do homem (Comunidade Canção Nova).

Mesmo a congregação tendo todos os critérios, teve dificuldades de obter o reconhecimento oficial da Igreja Católica, pois mesmo depois da busca incessante, de muitas recusas e muitos pedidos, Madre Elisa chegou a afirmar após muita insistência que (...) “se for obra de Deus, o Instituto viverá não obstante as perseguições; mas se não for obra de Deus, que morra logo. Deus não precisa de nós” (GENIO, 2010, p. 99), e diante de bastante perseverança, já com a congregação consolidada e com muitas ações missionárias foi que “em 24 de março 1931, a Congregação das Servas de Maria Reparadoras é reconhecida de direito pontifício pela Santa Sé, que emana o Decreto de Louvor e aprova as constituições por sete anos” (GENIO, 2010, p.101).

O reconhecimento da igreja foi visto com muita alegria pelas comunidades às quais as Servas atendiam, como discurso da própria congregação e nas próprias palavras de Elisa após o reconhecimento de que,

(...) a notícia é comunicada às comunidades: Com ânimo exultante vos notifico que, pela graça de Deus e suprema bondade da Santa Sé apostólica romana, a nossa ínfima Congregação se torna de direito pontifício mediante o Decreto de louvor como também a aprovação das Constituições segundo o novo código canônico. De graça tão sublime rendei vivos agradecimentos ao bom Deus e a Maria Santíssima Dolorosa (GENIO, 2010, p.101).

As SMR estavam preparadas e habilitadas para a ação missionária, pois com o reconhecimento da Congregação estavam respaldadas para a consolidação da Congregação. Em 1921 a Congregação das Servas de Maria Reparadoras já estaria em ações missionárias na Amazônia, mais especificamente no estado do Acre, no município de Sena Madureira.

No contexto de entre-guerra, Madre Elisa recebeu o convite à abertura para a missionariedade evangélica no “Inferno Verde” (Amazônia), como é denominado por frei Clodovis Boff. Madre Elisa propõe às irmãs esta nova frente de doação. Caiu como um eco de alegria, coragem, bênçãos divinas e a possibilidade de ser testemunho evangélico de solidariedade para as novas terras: épocas de conflitos, crises, decadência econômica, mas depois do discernimento, as primeiras irmãs destinadas para o Acre, preparando-se para a longa viagem de três meses, fazendo baldeações nas várias cidades (Belém, Manaus, Boca do Acre), saindo de navio, de Gênova, depois passando para lanchas, chatas e gaiolas, até a terra prometida, Sena Madureira (FARIA, 2001, p. 13).

A chegada na primeira missão da Congregação é bem vista tanto pelos acreanos como pela Madre Superiora na Itália.

1.5 Um olhar para a educação

FIGURA 2: Primeira escola fundada pelas SMR

Fonte: arquivo do Colégio Santa Juliana na Cidade de Sena Madureira

É importante salientar que a Congregação tinha uma preocupação em atender ao público feminino, pois, a mulher tinha um papel muito importante para a família, e Elisa sabia o que havia passado com sua mãe e acredita-se que ela tenha tido esse entendimento de que cabe a muitas mulheres a providência do lar, então a preocupação inicial da congregação com a formação das meninas e jovens, (...)“a fidelidade das mulheres à igreja teve como consequência que a sua vida, mais do que a dos homens, fosse determinada pela prática religiosa diária”(PERROT; DUBY, 1991, p. 201). A primeira missão da Congregação foi no Alto Acre – Purus, e ainda se estendeu por muitos estados do Brasil e alguns outros países como em Portugal, Argentina, Costa do Marfim, Bolívia, Albânia, Filipinas e Peru, como também na Itália onde foi sua fundação.

Madre Elisa tinha formação em educação, devido a isso a sua dedicação à educação. “A fidelidade ao projeto educativo das SMR foi a causa de elas se esforçarem em abrir novos colégios” (MOLLINETTI; BRIZZI, 2017, p.43). Vale salientar que (...) “a Igreja Católica, além de sua opção pelos pobres tem significativa presença na educação do Brasil, havendo participado de nossa formação como nação” (CERIS, 2000, p. 12).

No Acre a presença das SMR foi visivelmente marcada pela cultura religiosa da Congregação, dentre as comunidades atendidas estão:

Quadro 4 - As comunidades atendidas pela Congregação SMR no Acre por município

Rio Branco	Formação Nossa Senhora de Guadalupe
	Comunidade Madre Elisa – Sede Provincial
	Comunidade Santa Juliana
	Instituto Imaculada Conceição
	Instituto São José
Sena Madureira	Comunidade Maria de Betânia
Senador Guiomard	Irmãs Catequistas Franciscanas
Xapuri	Comunidade Maria de Nazaré

Fonte: Anuário Católico, 2015.

Todas as comunidades citadas no quadro acima são femininas e ainda atuam na área educacional.

Vale salientar que entre os dados do anuário católico do ano de 2015, as que pertencem à congregação das irmãs Servas de Maria Reparadoras, que vieram com a ação de escolarização para o estado do Acre são as irmãs: Anacleta P. dos Santos, Andreлина da Silva Paes, Ângela Barbosa, Angela Maria B. da Silva, Eva Clementina Gomes, Fabíola Viana Nery, Fernanda Brizzi, Francisca Barbosa da Silva, Francisca Sulema Chaim, Giovanna Patrini, Ignez Gambin, Joana Pedro dos Santos, Joana Siqueira dos Santos, Lionildes Frigo, Maria Ferreira de Souza, Maria Matilde Mollinetti, Maria Sales de Paula, Maria Socorro de S. Moura, Maria Virgínia G. Santos, Marinella Brizzi, Nair Teresinha Reichert, Nazilda de O. Brandão, Nilce Maria Lagni, Percília de O. Silva, Raimunda Dulce de Souza, Regina Carvalho, Regina Maria de Fátima Nassiff Freire e Rita Medeiros da Silva. (ANUÁRIO CATÓLICO, 2015, p. 878)

Dentre estas estão divididas por comunidades, a Comunidade de Formação Nossa Senhora de Guadalupe, Comunidade Madre Elisa, Comunidade Santa Juliana, Instituto Imaculada Conceição, Instituto São José, Comunidade Maria de Betânia e Comunidade Maria de Nazaré (ANUÁRIO CATÓLICO, 2015, p. 878).

CAPÍTULO II - A AÇÃO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS SERVAS DE MARIA

A identidade do Acre foi construída com a presença maciça da Congregação SMR. As inquietações dessa comunidade perdida, foi parte resgatada com as ações das SMR, pois, ajudou a partir da escolarização na moldagem do acreano que era silenciado pelo analfabestimo.

A Congregação ao chegar em Sena Madureira – Acre em 1921 tiveram muito trabalho, pois, a construção das primeiras estruturas escolares foi construída pelas próprias SMR. A imagem abaixo confirma o trabalho árduo feito por suas próprias mãos e primeiro espaço utilizado para o início das ações de escolarização. A Madre Superiora ao saber do trabalho pesado em que as Servas estavam submetidas exigiu rapidamente o retorno das irmãs à Itália. Porém, ao retornarem relataram a necessidade da ação das SMR no Acre era urgente e logo assim que foram liberadas retornaram novamente ao Acre para a efetivação do trabalho iniciado naquela região amazônica.

Figura 3 - Primeiras estruturas para ação de escolarização das SMR



Fonte: Congregação SMR em Rio Branco.

É importante lembrar que praticamente toda ação da Congregação foram custeadas por meio de doações da própria comunidade, assim como também o terreno doado para a construção da primeira escola no município de Sena Madureira no Acre.

2.1 O silêncio da floresta pelo analfabetismo

O seringueiro e seus familiares viviam praticamente da agricultura e da criação de poucos animais; viviam para o trabalho e sem nenhum acesso à escola em meados do século XX. O Acre não tinha nenhum olhar dos governantes voltados àquele lugar, “(...)no território do Acre tudo estava por fazer, porque nunca nele se fizera sentir a ação protetora de um governo” (COSTA, 2005, p. 233), portanto, estava àquela região, esquecida. Os seringueiros não tinham, não sabiam assinar seu próprio nome e foi o silêncio dessa comunidade que atraiu o interesse de muitos na causa do seringueiro.

Havia muitos seringais no município de Xapuri e a Igreja Católica se preocupava muito em ajudar e dar oportunidade para essas comunidades. Liberdade pregada muitas vezes pela Igreja, e, portanto, começaram a fazer com que o seringueiro começasse a se ver como um homem idealizador, de conquistas.

A história da educação de um povo é a história do seu desenvolvimento, das suas aspirações, das suas lutas para uma civilização mais consentânea com os valores da vida humana. Difundir valores, vivenciá-los, traduzi-los na vida de seu povo, eis os objetivos visados pela educação de uma comunidade. E quando esta comunidade está ainda em formação, quando a região é um berço onde um povo está em fase de sua gestão, a educação se traduz em alimento básico para o seu porvir, uma condição de vida ou de morte, de progresso ou de marginalização (GUINELLI, 2008. p.28).

Desde o princípio, a sociedade acreana, estava a margem do restante do Brasil, tudo que era extraído desse lugar iria para fora do estado, o que gerava um empobrecimento em alto índice. E, nessa situação que muitos se dedicavam ao aprendizado, a fim de buscar oportunidades aos filhos e si mesmo, ou poderia também afirmar, a fim de ter algum contato com os parentes que haviam ficado no Nordeste, através das cartas.

2.2 Uma luz no fim do túnel

No período de 1928 a 1970, as escolas no município de Xapuri, ainda um pouco timidamente, faziam parte da realidade local. Entretanto, em se tratando dos seringais, escolas nenhuma havia. Chico Mendes confirma que “durante muitos anos, desde o século passado até 1970, pelo que sei, em nenhum seringal da Amazônia era permitido criar escola” (MENDES- in NAKASHIMA, 2006, p.16), se assim fosse permitido, os donos das terras como poderiam

enganar e escravizar facilmente esses seringueiros? Mantê-los sem acesso à alfabetização era muito importante para a continuação da exploração e dominação dos povos da floresta.

A frequência escolar, apesar das distâncias e das populações espalhadas nos varadouros, atingia em 1929, a cifra de quatro mil crianças. Quatro mil jovens se preparavam para estabilizar, cada vez mais, a organização social acreana. O seringueiro deixava de ser o solitário das matas. (COSTA, 2005, p. 54)

A escolarização seria uma das alternativas concretas para a conquista da ascensão e libertação das humilhações dos patrões. Assim, enxergar o seu papel e direitos de cidadão. Sabe-se que o papel do sindicato dos seringueiros também foi um grande fomentador dessa “tal liberdade”.

As primeiras formas de escolarização no município de Xapuri foram bem limitadas, apenas uma parte da população era beneficiada. Primeiramente, a partir de 1928, meninas. Após 1940, as escolas do município eram mistas e ainda nesse momento eram apenas duas escolas no município: Divina Providência e Plácido de Castro. Na zona rural e nos seringais, não havia escolas, e assim surge o Projeto Seringueiro, ou seja, foram quase quarenta anos desde o início da escola formal no município até começarem a atender a comunidade rural. “(...)a pedagogia libertadora de Paulo Freire, também conhecida como pedagogia do oprimido, consiste na educação voltada para a conscientização da opressão, que permitia a consequente ação transformadora” (ARANHA, 2006, p. 273), estava centrada em trazer ao seringueiro e ao povo dessa comunidade xapuriense possibilidades de transformação da situação em que se encontravam. A alfabetização era apenas a silábica, ou até mesmo apenas a escrita do próprio nome, pois no primeiro momento, essas comunidades tinham a preocupação apenas da alfabetização primária e não passava disso.

Essa comunidade almejava muito ter acesso à educação, porém é percebido nesse contexto histórico uma forma bem amena de busca dessa conscientização. “Por isso o trabalho de alfabetização deve vir necessariamente acompanhado de conscientização e politização, ou seja, não basta o oprimido ter consciência da opressão, mas deve dispor-se a transformar essa realidade” (FREIRE, 1987, p. 21). Freire ainda afirma que “a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora” (FREIRE, 1987, p. 21).

A alfabetização nesse município foi primordial para que essa comunidade começasse a se inteirar do mundo e de se apoderar da verdade local. A vinda da Congregação contribuiu muito para auxílio aos seringueiros e para o desenvolvimento do Acre.

2.3 Instituto Santa Juliana

O Instituto Santa Juliana, em 1921, foi a primeira escola fundada pelas Servas de Maria Reparadoras no Acre, que inicialmente foi um internato para meninas. O trabalho educacional dessa congregação se iniciou na cidade de Sena Madureira, no estado Acre, sendo o primeiro trabalho com as ações de educação desenvolvidas pelas Servas de Maria, no município de Sena Madureira entre as décadas de 1920 e 1930 merecendo especial atenção por ter sido este movimento, aquele que deu origem ao Instituto Santa Juliana.

As primeiras ações educacionais empregadas pelas Servas em prol das crianças de Sena Madureira foi designada como “formação cultural” e era destinada principalmente as crianças órfãs. A formação cultural pretendida pelas Servas se efetivava, no plano educacional através de aulas de prendas para as meninas, cant coral e teatro infanto-juvenil para ambos os sexos. Durante essas aulas era comum a utilização de orações ensinadas pelas Irmãs no intuito de propagar as devoções e costumes religiosos da Igreja Católica (BONFIM, SOUZA, 2000, p. 21).

As Servas de Maria Reparadoras traziam da cultura italiana os conhecimentos básicos para transmiti-los ao povo acreano, foi um verdadeiro choque cultural tanto entre as irmãs, quanto entre a comunidade. A comunidade de Sena Madureira estranhou muito a aparência das irmãs, uma vez que elas, com a pele bem rosada, a comunidade acreditava que seria algum tipo de pintura nas faces das irmãs, que ficaram conhecidas em Sena Madureira como as “Irmãs Pintadas” e para estas, “o ambiente da nova convivência das irmãs era uma floresta exuberante, com vários rios e igarapés, longe do mar, bem diferente da realidade italiana”(FARIA, 2001, p.12).

Ao chegarem a cidade de Sena Madureira, em 1920, dois anos depois, “foi fundado a 07 de setembro de 1922, pelos Servos de Maria, que a partir daí assumiram a direção do referido estabelecimento de ensino auxiliados pelas Irmãs Servas de Maria Reparadoras” (HISTÓRICO DA ESCOLA ESTADUAL INSTITUTO SANTA JULIANA).

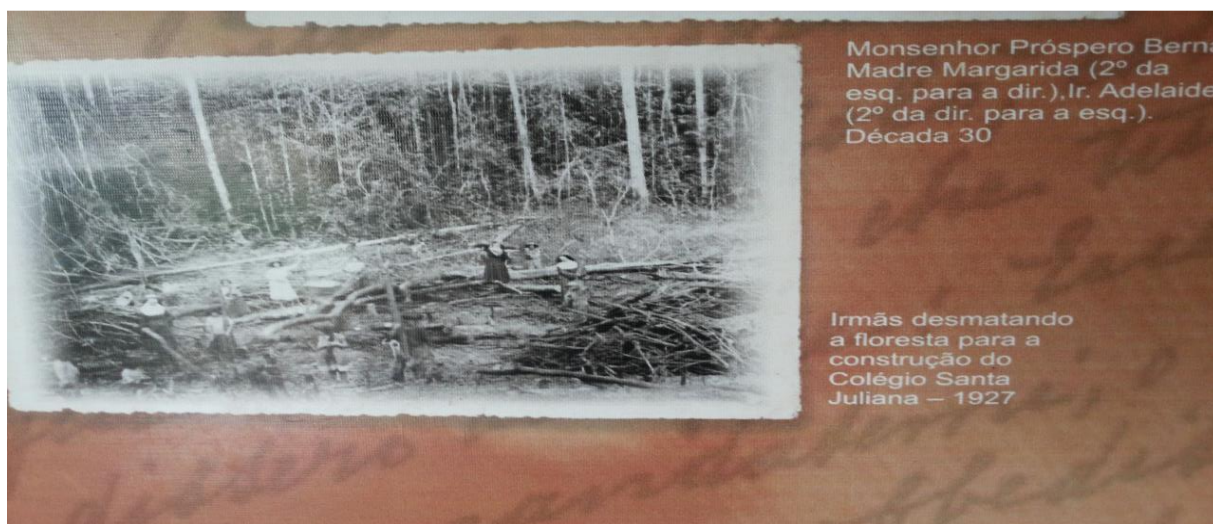
A dedicação das Servas Maria Reparadoras, nesse município, para com as meninas foi bem ampla e efetiva, porém na realização do seu trabalho tiveram alguns percalços que dificultavam as ações da congregação.

No início dos trabalhos, ainda com aulas de prendas, as irmãs veem a necessidade de uma melhor organização no projeto de assistência às crianças. No princípio as SMR, decidiram procurar o poder público. A iniciativa custou as religiosas, desentendimento com o superintendente da cidade e a posterior suspensão dos benefícios até então prometidos para a sustentação e formação das meninas órfãs (BONFIM; SOUZA, 2007, p. 26).

Mesmo diante das dificuldades da Congregação, as irmãs persistiram em atender às meninas da localidade.

Tínhamos muitas órfãs para manter e, improvisadamente, suspenderam as verbas. O que fazer? Devolver ainda estas crianças à floresta, naquela miséria e abandono? ...Pensamos fazer de tudo para não afastá-las do colégio. O Bispo estava preocupado e não sabia como fazer para manter as pobres meninas. Eis que um dia um senhor nos diz: Sei que estão preocupadas com o mantimento das órfãs. Se aceitam, eu ponho à disposição um terreno, falo-ei preparar, se vocês se responsabilizarem em trabalhá-lo. Esta proposta foi para nós uma grande providência. Aceitamos logo, contentes de poder ficar com as meninas (GINELLI, 1982, p. 29).

FIGURA 4 - Construção do Colégio Santa Juliana



Fonte: Arquivo das SMR – Rio Branco- Acre.

Dentre as escolas fundadas pela congregação no Acre estão: o Instituto Santa Juliana em Sena Madureira, o Colégio São José, na cidade de Rio Branco um estabelecimento particular, desde o fim do século XX, a escola passou a ser mista, parte pública e parte particular, também a escola Imaculada Conceição, particular, na cidade de Rio Branco, junto à casa e convento das SMR e a Escola Divina Providência, no município de Xapuri.

2.4 Efetivação do trabalho educacional das SMR

O trabalho educacional das SMR foi ganhando notoriedade no estado, o que gerou bem mais empenho da Congregação e estas passaram a receber bem mais doações e principalmente um reconhecimento dos governantes do estado. O estado passou a dar mais apoio as irmãs,

fomentando assim suas obras que cada vez foi se ampliando pelo estado. O passo mais promissor da Congregação foi no município de Xapuri, onde recebeu mais apoio, principalmente das autoridades locais. O público mais necessitado de acolhimento eram meninas, que sem muitas perspectivas e pouco ajudavam na mão-de-obra rural, o lugar certo seria o internato, que eram as primeiras formas de acolhimento dado pelas irmãs.

Figura 5 - Meninas atendidas pela Congregação SMR



Fonte: Arquivo da Congregação SMR – Rio Branco – Acre.

Além da oferta dada pelas SMR em acolher as meninas da região, a comunidade também exigia que as irmãs atendessem aos do sexo masculino, e assim, fizeram cursos que atendiam os meninos, como canto-corais e aprendiam também bordado, o que gerava de certa forma um certo descontentamento para os meninos que costumavam tomar punições pelo fato de rejeitarem algumas aulas que eram próprias do sexo feminino, principalmente os filhos das autoridades locais.

CAPÍTULO III - DIVINA PROVIDÊNCIA PARA O MUNICÍPIO DE XAPURI

No município de Xapuri, com uma ação do Padre Gallerani, que desde 1925 imaginava uma “casa de educação” para aquela cidade, foi o diferencial em abrir as portas da educação para aquela comunidade com a fundação do colégio Divina Providência, em 1928. A Igreja foi a pioneira e colaboradora desse primeiro processo, que foi a maior revolução desse município, com a apresentação de uma escola com um prédio doado pela paróquia.

Em julho de 1925, me apresento a vários cavaleiros de Xapuri expondo-lhe (sic) a minha ideia de abrir um colégio feminino, dirigido por Freiras e administrado por mim. Por último procurei o Dr. João Torres de Mello o qual aceitou a chefia neste assunto e prometeu convocar o povo xapuriense expondo-lhe (sic) os meus planos. (A casa foi comprada e, em seguida, o Padre procedeu a sua adaptação, à compra de móveis e equipamentos) “gastando, diz ele, de janeiro até hoje, 6 de novembro (1926) a beleza de quase cinco contos, auxiliado por ninguém” (LIVRO DO TOMBO, Xapuri, 194, p. 24).

A Congregação das SMR, a pedido do Padre Gallerani, veio se instalar na cidade de Xapuri, para atender à comunidade local. Por conseguinte, com a apresentação de uma escola com um prédio doado pela paróquia, assim foi relatado “Esta é a história em resumo de toda a obra do colégio que intitulei Divina Providência tendo de ser apoiado e fornecido do necessário pela misericórdia de Deus e virar numa providência por este povo” (LIVRO DO TOMBO. Xapuri, 194, p. 24)

3.1 Escola Divina Providência

FIGURA 6 - Escola Divina Providência – Xapuri-Acre



Fonte: Arquivo do Colégio Divina Providência.

O município de Xapuri, início de século XX, necessitava muito de apoio, pois o número de seringueiros que se apropriavam do urbano era muito grande, e estes, analfabetos, e com poucas expectativas. A Igreja com seu papel acolhedor, pelo menos nesse período, nesse estado, queria garantir à comunidade de Xapuri meios de ajuda-los a compreender que eram alvos das amarras do patrão e dar-lhes conhecimento das letras e dos números, e, foi em 1928 que o Padre Felipe Gallerani com seu trabalho à frente da paróquia do município de Xapuri fundou o colégio Divina Providência e “há 43 anos, um Padre, com bondade apostólica que caracteriza os santos, procedente da longínqua e legendária Itália, fundara, em 1928, o colégio Divina Providência, após as démarches iniciadas em 1925 (KALUME, 1971, p.25). O Padre preocupado com a educação da comunidade, “organizou a Paróquia, dando enfoque especial à educação” (KALUME, 1971, p. 25) e assim foi fundado o Colégio Divina Providência. As irmãs SMR foram convidadas a administrar a escola que inicialmente tinha a intenção de focar na educação das meninas; a vinda das Irmãs foi motivo de festa naquele município, a cidade parou para assistir o acontecimento inédito. Autoridades e comunidade para recepcionar as SMR, “à frente, para recepciona-las, o varão inconfundível, o pároco Padre Felipe, idealizador

do colégio, enfim o responsável por aquelas figuras que, pela primeira vez, chegavam à terra dos xapuris – as Missionárias” (KALUME, 1971, p. 29).

Estas se dedicavam à educação local, transmitindo sua cultura, resquícios que se presencia nos documentos e nas memórias do colégio que foi regido por muitos anos pelas religiosas. Memórias representados nos arquivos da escola, para entender a trajetória e o como principiou a cultura do lugar.

Estas pesquisas centram-se no intuito de compreender a gênese, sua trajetória, a cultura escolar constituída, sua projeção local e regional, suas concepções educativas e pedagógicas, enquanto se configuram como formadoras, bem como irradiadoras de posturas vinculadas ao ideário da escola pública, da escola privada confessional ou não. Nesse sentido, as instituições escolares são fontes fundamentais para a apreensão de uma cultura (ARAUJO; INÁCIO FILHO, 2005, p.168).

A cultura do lugar, dos materiais, do público, da comunidade é possível entende-los, a partir da escola, pois esta é o reflexo muitas vezes do comportamento da sociedade. Entender a escola, sua fundação, todas as nuances que perpassaram é poder retratar um pouco da história do lugar e manter a preservação da memória daquele espaço educacional.

3.2 Ações, normas e punições – tradições católicas no seio da Amazônia – Xapuri/Acre

As irmãs Servas de Maria Reparadoras eram muito exigentes. O alunado, que era atendido por elas, precisava seguir à risca suas normas. O trabalho das SMR era inicialmente voltado para as meninas órfãs, porém, a elite local acabou matriculando seus filhos na escola gerida pela Congregação. As escolas, depois de um período das suas fundações, tanto em Sena Madureira, quanto em Xapuri, tornaram-se mistas, recebendo meninos e meninas. Parte dos meninos recebidos pelas escolas, foi como alunos particulares, ou seja, as meninas eram internas e, para a maioria dos meninos, as escolas eram particulares. Os familiares que tinham mais condições financeiras precisavam pagar pelos estudos dos filhos. Essas crianças precisavam obedecer religiosamente às ordens da escola. No quadro abaixo, estão descritas algumas das punições e normas exigidas pelas irmãs Servas de Maria Reparadoras.

QUADRO 5 - Descrição das normas e punições

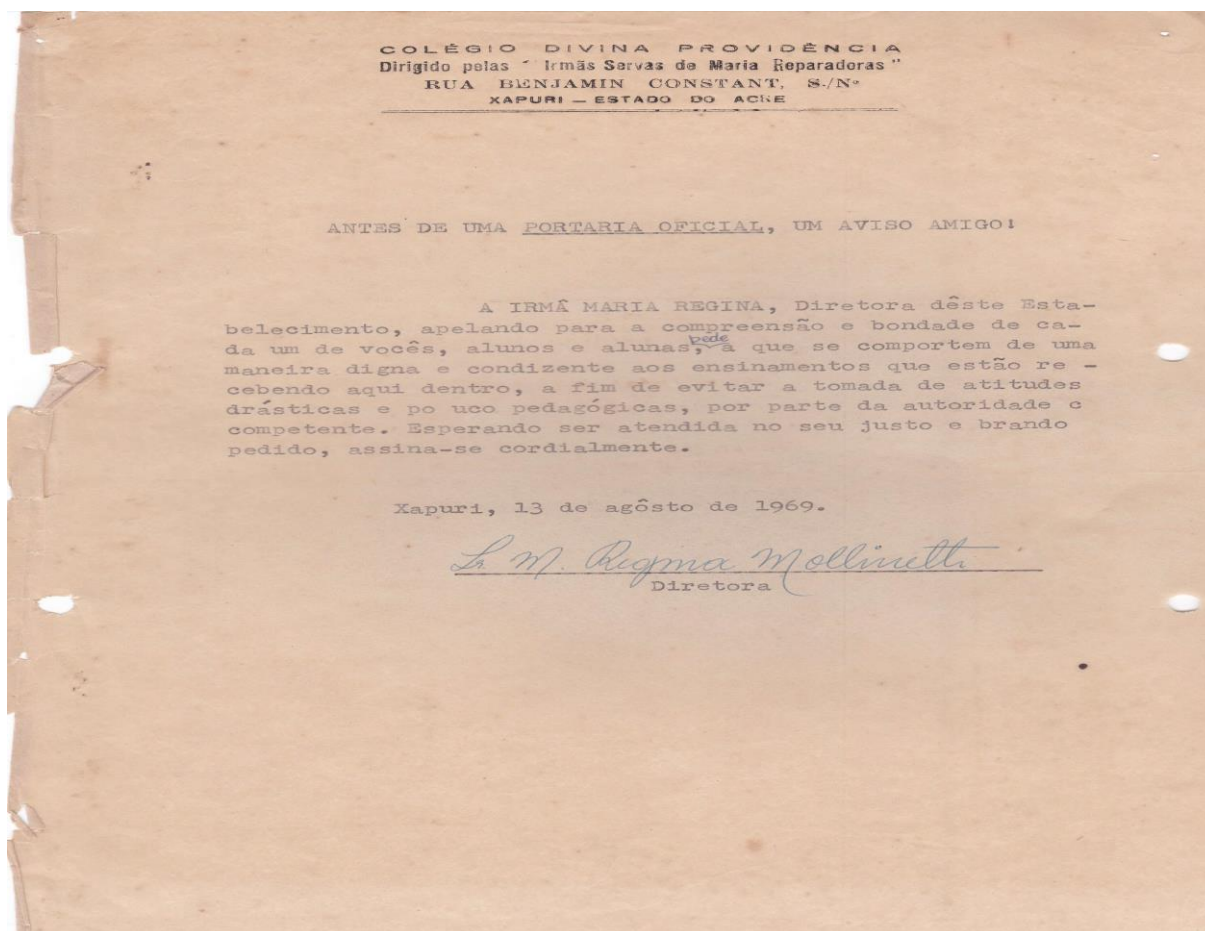
Data	Nº	Descrição
08/07/1946	01	Determinar os dias que darão início às primeiras provas parciais;

08/07/1946	02	Prevenir que todos os alunos deverão estar com a primeira prestação paga, para poderem ser submetidos às provas parciais;
16/08/1946	03	Determinar o comparecimento obrigatório de todos os alunos às aulas de educação física;
16/08/1946	04	Proibir terminantemente o uso da farda de educação física, fora do horário regulamentar;
29/11/1946	05	Determinar que as provas parciais terão início dia dois de dezembro;
12/07/1947	01	Punir um aluno da primeira série, por cinco dias, por ter faltado com a necessária disciplina, durante a aula de trabalhos manuais e economia doméstica;
26/09/1947	02	Punir um aluno da primeira série por ter faltado à formatura, sem motivo justificado, suspendo-o por dez dias;
23/04/1948	01	Punir um aluno por dez dias, em virtude de ter faltado com o devido respeito à professora de trabalhos manuais e economia doméstica;
17/05/1948	02	Punir a aluna de segunda série por ter faltado obediência à aula de matemática;
15/09/1948	03	Dispensar o aluno desse estabelecimento, até o fim do ano de 1948 por motivo de desacato rigoroso à professora de trabalhos manuais e economia doméstica;
06/06/1949	01	Punir duas alunas em virtude de ter mentido e faltado de respeito a mesma diretora;

Fonte: BONFIM; SOUZA; 2007, p. 39.

Dentre as punições descritas, outras eram relatadas nos documentos encontrados, como a palmatória e a ida à capela para pedir perdão às desobediências cometidas. As irmãs exigiam zelo por parte dos alunos tanto no ambiente escolar, como no material escolar. Os alunos, principalmente as meninas, precisavam ser educadas tanto para o lar quanto para a vida social e para a religião católica.

FIGURA 7 - Orientação da direção do colégio

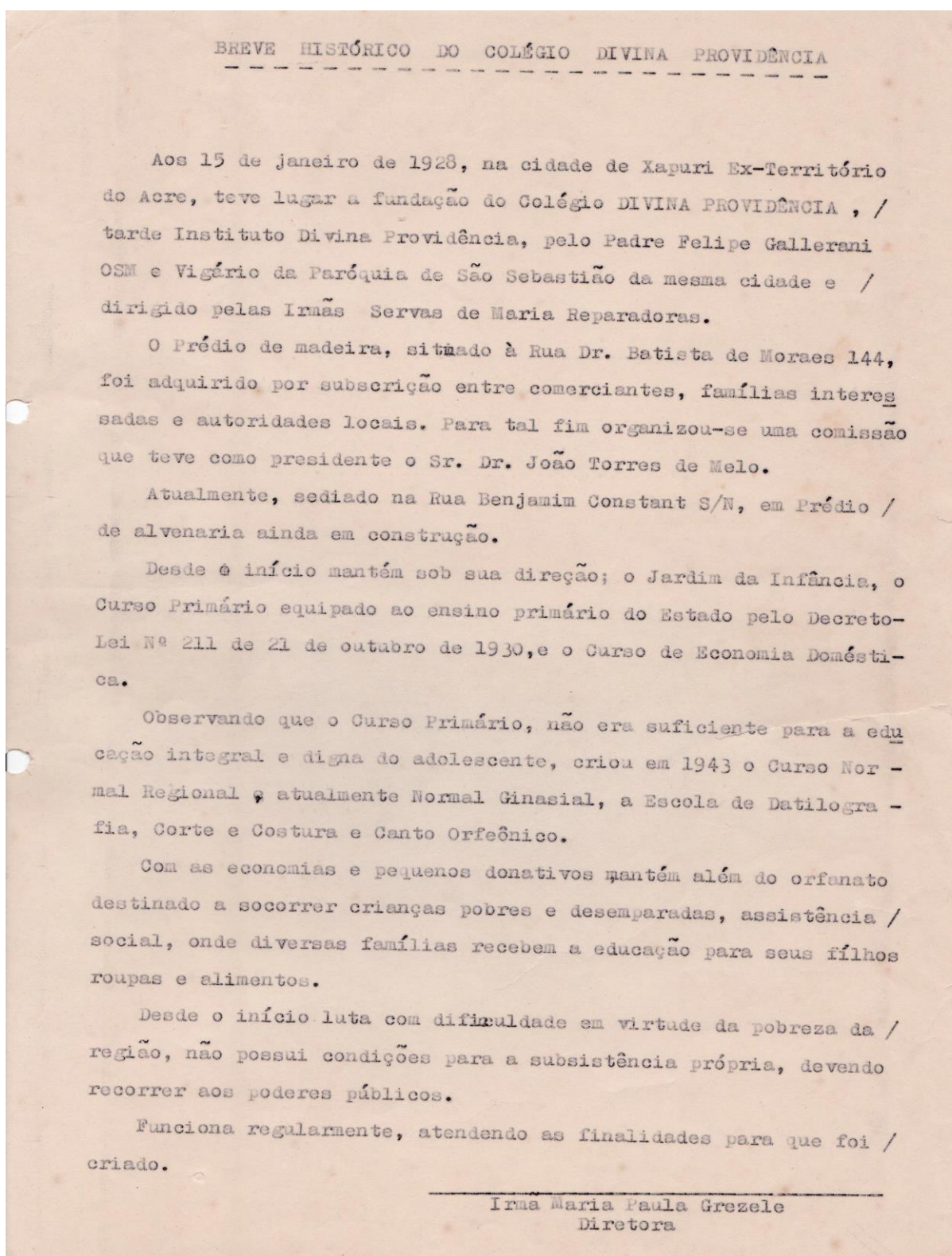


Fonte: Arquivo da escola Divina Providência.

As punições ocorridas eram descritas no livro de punições, contudo ficaria de alerta para os demais alunos e serviria de base para outras punições e na criação de novas normas. A família do alunado era ciente das normas e punições, já que boa parte destas eram registradas.

A Congregação SMR era modelo a ser seguido, sendo derivado delas o modelo de educação e ensino católico que perdurou até ao século XXI, que ainda é visto nas escolas, principalmente nas escolas da zona rural. Em Xapuri a única escola de nível médio é a escola fundada pela Congregação, Divina Providência. Destarte, o alunado da zona rural, para dar continuidade aos estudos, necessitam ir para a cidade de Xapuri estudar no colégio Divina Providência.

No histórico do Colégio Divina Providência, observa-se a necessidade de explicar o curso que era oferecido no princípio de sua fundação, e já não era o suficiente para a educação nos anos posteriores, e fez-se necessária a criação de novos cursos, como escola de datilografia, corte e costura.

FIGURA 8 - Histórico da Escola Divina Providência

Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

Os cursos nos primeiros anos de fundação do colégio eram de prendas e bordado e após surgiram, o jardim de infância, curso primário e o curso de economia doméstica. Porém, em 1943 foi criado o curso Normal Regional, que logo nos anos seguintes tornou-se o curso Normal Ginásial e também criou-se a escola de datilografia, corte e costura e canto orfeônico. Atendendo não somente meninas, como era a intenção inicial, porém, atendendo também aos meninos.

3.3 Organização do Sistema Escolar

Inicialmente o Colégio Divina Providência oferecia o primário, depois o jardim de infância, e ainda curso de datilografia e depois outras disciplinas que incluíam pintura, bordado e música. “Paralelamente ao externato, as boníssimas irmãs adotaram o internato, para atender a todos e de modo particular às alunas residentes no interior ou além-fronteira do município” (KALUME, 1971, p. 31). As meninas com mais idade, a partir dos 14 anos eram sempre bem-vindas, pois, “(...)no início, o Colégio Divina Providência abriu o curso primário e aulas de prendas. As irmãs eram auxiliadas por pessoas experimentadas na arte do ensino e da educação” (GINELLI, 1982, p. 43).

FIGURA 9 - Alunos do Colégio Divina Providência



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

Inicialmente as meninas eram em maior número e logo a necessidade e a providência foi se estendendo aos meninos de Xapuri, todavia, as meninas faziam parte do internato, para concretiza-las na educação cristã, “(...)para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 2010, p. 447).

Pensava-se no papel da mulher na representação da família, da mãe, da cuidadora e que naquela época no Acre muitas mulheres eram as provedoras do lar. A organização do Colégio era sempre voltada com olhar para a mulher, porém ainda em um papel secundário, ligado à posição materna, ou a vida religiosa.

A escola estava ligada à Igreja e todas as ações eram pensadas pelas ações religiosas das Servas de Maria Reparadoras. A cultura da escola era quase que totalmente religiosa, as campanhas, as festas todas de cunho religioso, até um período, o currículo escolar também tinha essa visão voltada para a Igreja. No quadro administrativo da escola, no ano de 1968, diretora, secretária e tesoureira todas eram freiras. Vale salientar que nesse período nem todos os docentes eram padres e freiras, vê-se descrito o papel de cada destes nas funções escolares. É importante pensar, que se a gestão da escola era composta apenas por freiras, faz-se analisar que todo o viés escolar era voltado para a religião, por mais que as disciplinas tivessem uma terminologia, ou conhecimento da área específica, todavia acredita-se que a oferta desses conteúdos era bem focada no cunho religioso.

Gallo lecionava a disciplina também de geografia, Giulnides Nunes de Assis e Irmã M. Marinella Brizzi, atuavam na disciplina de ciências, Jofri Alves Kouri, atuava na disciplina de inglês, Amazonina Pereira, atuava na disciplina de desenho, Irmã M. Paula Grezele, atuava na disciplina de música, Irmã M. Marinella Brizzi também atuava na disciplina de religião, Sebastião Jerônimo de Oliveira atuava com a educação física, Giulnides Nunes de Assis também atuava com psicologia e metodologia, Irmã Maria Paula Grezele também atuava com educação moral e a Irmã M. Anacleta dos Santos também atuava com a disciplina de artes. Estes atuavam no curso normal ginásial. Na figura a seguir, a lista dos professores do curso Normal Ginásial com a série de atuação, a matéria e o curso, contudo, os professores que atuaram no ginásio noturno e a lista do horário vespéral.

FIGURA 11 - Lista dos professores do curso ginásial normal

13-7-567

Resposta ao questionário do Sr. Bispo

Instituto "Divina Providência"
Fundado em 15 de janeiro de 1928
Adquiriu personalidade jurídica em 3 de agosto de 1950
Corpo docente

Série	Matéria	Nome do Prof	N. de Reg
1a. 2a.	Português	Lieta Arrada da Costa	Curso Ginásial
3a. 4a.	"	Irmã M. Anacleta dos Santos	" "
1a.	Matemática	Irmã M. Marinella Brizzi	Normal 2º C. (I)
2a. 3a. 4a.	"	Irmã M. Paula Grezele	CADES
1a.	História	Carmen Akel Hadaç de Melo	Curso Ginásial
2a. 3a. 4a.	"	Marinho da Costa Gallo	Curso Científico
1a. 2a. 3a.	Geografia	" "	" "
1a. 2a.	Ciências	Giulnides Nunes de Assis	Normal 2º C.
3a. 4a.	"	Irmã M. Marinella Brizzi	" "
1a. 2a. 3a. 4a.	Inglês	Joffre Alves Kouri	Curso Científico
2a. 3a.	Desenho	Amazonina Pereira	Curso Ginásial
1a. 3a.	Música	Irmã M. Paula Grezele	
1a. 2a. 3a. 4a.	Religião	Irmã M. Marinella Brizzi	
1a. 2a. 3a. 4a.	Ed. Física	Sebastião Jerônimo de Oliveira	
4a.	Psicologia	Giulnides Nunes de Assis	
4a.	Metodologia	" "	
1a. 2a. 3a. 4a.	Ed. Moral G.	Irmã M. Paula Grezele	
1a. 2a. 3a.	Artes	Irmã M. Anacleta dos Santos	

O horário do Estabelecimento é vespéral.

Os seguintes professores lecionam no Ginásio noturno:
Prof. Carmen Akel Hadaç de Melo; Giulnides Nunes de Assis; Joffre Alves Kouri

Ocupações extra escolares: Prof. Carmen Akel de Melo; Marinho da Costa Gallo comércio. Prof. Joffre Alves Kouri.....

Alunos do Curso N. Ginásial divididos por idade (matrícula inicial)

De: $\frac{11}{1}$ - $\frac{12}{1}$ - $\frac{13}{5}$ - $\frac{14}{10}$ - $\frac{15}{13}$ - $\frac{16}{11}$ - $\frac{17}{16}$ - $\frac{18}{11}$ - $\frac{19}{7}$ - $\frac{20}{3}$

De: $\frac{21}{2}$ - $\frac{22}{1}$ - $\frac{23}{1}$ - $\frac{24}{2}$ - $\frac{25}{1}$

Do admissão

De: $\frac{11}{2}$ - $\frac{12}{4}$ - $\frac{13}{5}$ - $\frac{14}{15}$ - $\frac{15}{1}$ - $\frac{16}{2}$ - $\frac{17}{3}$ - $\frac{18}{1}$

Vale salientar que no período de 1928 a 1975 o colégio Divina Providência foi regido pela Congregação SMR e perdurou ainda por mais alguns anos até ser entregue ao poder público. Neste período os professores que atuaram foram estes citados no quadro abaixo:

Quadro 6 - Professores que atuaram no colégio Divina Providência no período de 1928 a 1975

Lista de professores		
Dom Júlio Mattioli	Padre João Palmieri	Professor Roberto Sanches Mubárac
Dr. Emir José Kouri	Professora Raimunda Zaire	Professora Euri Gomes Figueiredo
Dr. José Alves Maia	Professora Theresa Arraes Bendahan	Dr. Manuel Eugênio Raulino
Dr. José Fenelom Pontes	Professora Edite Simão Paiva	Dr. Luiz Gonzaga Fonteles
Dr. José Samico de Oliveira	Professora Olga Nogueira de Melo	Professora Nilda Maria de Sá de Figueiredo
Dr. Paulino de Brito Filho	Professora Luíza Peixoto	Professora Idelzuite de Souza Gallo
Irmã Anacleta dos Santos	Professor Hamilton Mello Araújo	Dr. Wilson Medeiros
Irmã Cláudia Barbosa	Professor Mário Mubárac	Professor Raimundo Gonçalves
Irmã Clemência do Nascimento	Irmã Romana Rosa	Professor Walter Vasconcelos
Irmã Crocefissa Pavan	Professor Elias Jorge Eluan Neto	Professor João Picoli
Irmã Liberalina Costa	Dr. Demétrio Câmara de Arruda	Professora Ceuci Gallo
Irmã Lúcia Brandão	Dr. Gerson Alves Reis	Professora Carmem Akel Hadad
Padre Fellippe Gallerani	Professora Armênia Conde Maia	Professora Rosa Hadad
Professor Alfredo Tapajós	Professora Alchidéa Sá Ferreira	Professora Semírames Maia Maciel
Professor Antonio E. Castro	Professora Bárbara Vieira de Sant'Ana	Professora Carmen Magalhães Asséf
Professor Archelau Peret	Professora Déa Maria Gomes Pismel	Professor Raimundo Gomes de Oliveira
Professor Arnobio	Professor Dr. Aduauto Brito da Frota	Professor Hermelino Guimarães Brasileiro

Professor Egídio Eustachio de Oliveira	Professora Iris Bastos	Dr. Carlos Amorim
Professor Francisco soares	Professora Euphrosina Silva Oliveira	Professor Ildefonso Figueiredo
Professor Jofre Kouri	Irmã Giovana Ginelli	Dr. Nielse Gonçalves Mouta
Professor Marinho da Costa Gallo	Professora Teresa de Souza	Professora Marisa Mouta
Professor Mustafa Almeida	Professora Dayse Salim Pinheiro	Professor Francisco das Chagas de Brito Lima
Professor Raimundo Francisco de Melo	Professora Georgete Jorge Eluan	Professora Maria de Lourdes Mubarác
Professora Almira de S. Lima	Irmã Maria Alfreda Patrini	Professora Lindaura Costa
Professora Altariza Bastos	Professor José Hadad	Professora Caridad Seigneur Texeira
Professora Ceilde Morais Neves	Professora Maria do Carmo Frota	Professora Edite Professora Edite
Professora Ceriná Barbosa da Cunha	Padre Carlos Zucchini	Professor Elcias Freitas
Professora Ciunildes Nunes de Assis	Professora Teresa Arruda	Irmã Maria Regina Mollinetti
Professora Erato Castelo	Professora Liéts Furtado da Costa	Dr. Mariano Nobre
Professora Luzia Octavio Velloso	Professora Maria Bezerra	Dr. Rafael Guedes Corrêa Gondim
Professora Maria de Lourdes	Professora Maria da Consolação Eluan	Professor Fábio de Araújo Lima
Professora Miriam Kouri	Professora Myrthes Kouri	Professora Zigomar Menezes
Professora Nancy Fernandes Brasil	Professora Laura Bitar Kouri	Dr. Ney Leitão Barcelos
Professora Newce Marrocos de Figueiredo	Professora Elais Meira Pas Barreto	Professora Valdomira Soares Hadad
Professora Odete Pinheiro de Almeida	Professora Carmem Eluan Kalume	Professora Ceuci Gallo
Professora Teresinha Matos	Irmã Maria Lina Boff	

Fonte:

Os professores listados no quadro acima alguns atuaram por muitos anos no colégio, outros por exercerem cargos públicos permaneciam muitas vezes apenas convidados pelas SMR. Porém no período de 1928 a 1975, foram estes os professores que passaram pelo colégio e muitos destes lecionavam mais de uma disciplina.

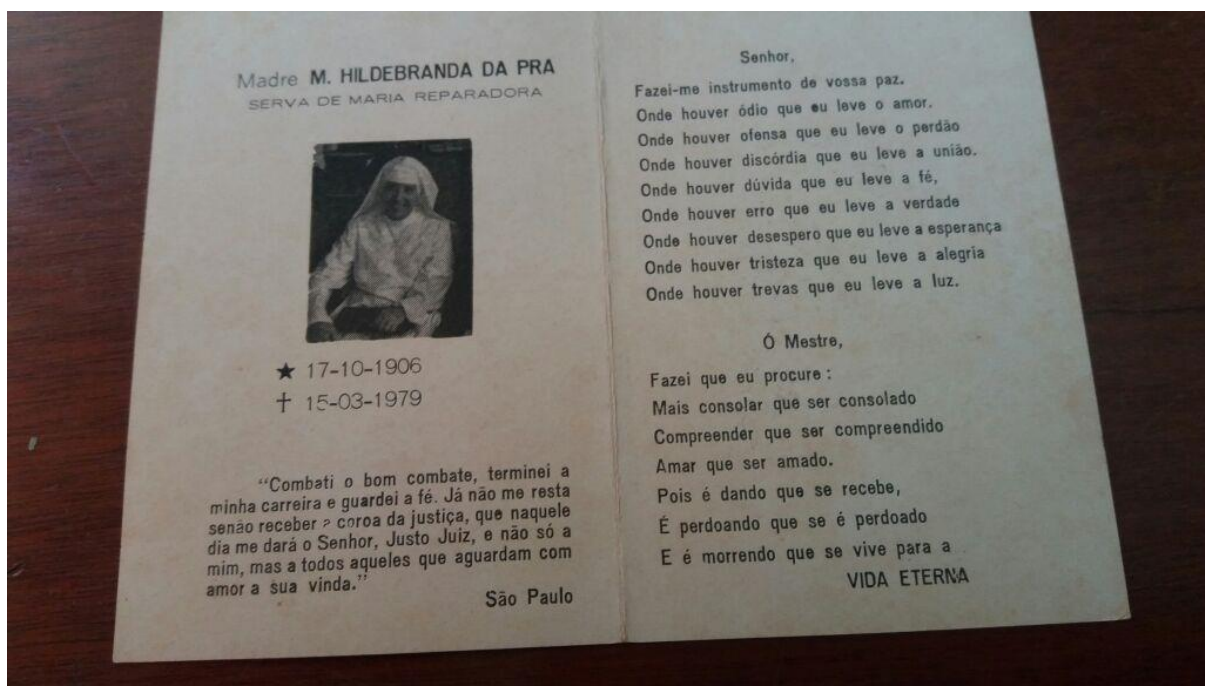
Os diretores que atuaram na escola no período de 1929 a 1969 registrado na obra de Kalume, haja vista, que foram nove diretores nesse período. O único homem que dirigiu a escola entre 1929 a 1932 foi o idealizador do colégio Divina Providência, Padre Felipe Gallerani. No quadro abaixo segue a lista dos diretores e seus devidos períodos. Depois da direção do Padre a escola foi dirigida em um período de 37 anos apenas por freiras da Congregação SMR.

QUADRO 7 - Diretores e seus períodos administrativos

1929 a 1932	1º Diretor – Padre Felipe Gallerani
1932 a 1935	2º Diretor – Irmã Maria Gabriela Nardi
1935 a 1949	3º Diretor – Irmã Maria Petronila Trinca
1949 a 1950	4º Diretor – Irmã Maria Presciliana Bellon
1950 a 1956	5º Diretor – Irmã Maria Petronila Trinca
1956 a 1959	6º Diretor – Irmã M. Hildebranda da Pra
1959 a 1963	7º Diretor – Irmã M. Evangelista Simonato
1963 a 1969	8º Diretor – Irmã M. Paula Grezele
1969 a 1975	9º Diretor – Irmã M. Regina Mollinetti.

Fonte: Kalume, 1971 p. 85.

Figura 12 – Maria Hildebranda da Pra – Diretora da escola Divina Providência de 1956 a 1959



Fonte: Arquivo da Congregação Servas de Maria Reparadoras – Rio Branco

A Irmã Hildebranda da Pra, atuou no período de 1956 a 1959 na direção do colégio, contudo, atuou também como professora do colégio por muitos anos, vindo a falecer vinte anos após seu período como gestora da escola.

A real intenção por trás desse contexto histórico é difícil trazer uma resposta certa e exata. Sabe-se somente o que os documentos mostram, e somente aqueles que estão disponíveis ao pesquisador, “(...) os arquivos escolares apresentam múltiplas possibilidades de pesquisa científica. Através desses acervos é possível conhecer as atividades administrativa e pedagógica de transformação da educação ao longo do tempo” (BONATO, 2005, p. 197). Vale salientar que diante das fontes e das publicações geradas sobre a Congregação no Acre, trazem sempre boas memórias e lembranças e que de fato as irmãs ascenderam muito essas comunidades locais pelos seus feitos históricos e educacionais, como a fundação de escolas e a criação do curso para a formação de professores. As Irmãs SMR que passaram pela gestão da escola eram cultuadas no município de Xapuri. “(...) Madre Petronilla Trinca. As pessoas que a conheceram lembram como uma grande educadora, pois sabia unir ao profundo espírito religioso, uma incansável dinamicidade na vida escolar e extraescolar e tinha grande intuito dos problemas educacionais” (GINELLI, 1982, p. 50).

Estudar a Congregação e suas ações é perpassar na história da religião, o que no viés científico deve-se representa-la a partir do imaginário cultural e, “[...] querer explicar em termos científicos uma religião já constitui uma confissão de que esta deixou de fundamentar a sociedade, significa defini-la como uma representação, tratá-la como um produto cultural [...]” (JULIA, 1995, p.107).

Nesta pesquisa para entender os discursos que perpassam a história dessa Congregação, situa-se no viés do campo religioso, pois, é a partir dos discursos das SMR que se pode, compreender as reais intenções e é importante salientar que parte do embasamento teórico desse trabalho partiu das obras publicadas das SMR.

3.4 Profissionalização Docente: Curso Normal Ginásial

FIGURA 13 - Formatura das primeiras professoras do curso Normal



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

Em 1947 foi criado o curso Normal em nível ginásial no município de Xapuri pela escola Divina Providência para poder dar continuidade à formação das meninas, porém para a época era muito difícil encontrar professores especializados para atuar, assim, “o corpo docente do Curso Normal quanto à formação pedagógica, era difícil encontrar no Acre professores com nível universitário, contudo não eram leigos quanto ao conteúdo, tendo quase todos uma formação em 3º grau” (GINELLI, 1982, p.47).

Nesse momento muitos do alunado concluíam o ensino primário e tinham que migrar para a cidade de Rio Branco para dar continuidade ao colegial, essa situação deixava as SMR muito preocupadas e buscavam resolver essa problemática, “(...) assim pensando, agiram e foi possível realizar o sonho, sob o pato do Colégio Divina Providência, já equipado para atender sua finalidade precípua, dilatando as fronteiras da pedagogia com a criação do Normal Rural” (KALUME, 1971, p. 70).

Com a criação do curso Normal Ginásial a escola ganhava espaço e reconhecimento no Território do Acre e de outras cidades, “(...) a fama do Educandário aumentava,

ultrapassando os limites territoriais do município e já de outras cidades vinham meninas para o seu internato” (KALUME, 1971, p. 70).

A escola não recebia meninas apenas do município de Xapuri, vinham também da Bolívia e do Peru, haja vista que o Acre é fronteira desses países. Vale salientar, que a escola nem sempre recebia apenas meninas, portanto havia muitos da média da cidade que contratavam os serviços da escola para a educação de seus filhos homens. Estes eram em bem menor número, já que não estudavam em formato de internato.

O corpo docente do Curso Normal Ginásial era composto por pessoas com cargos altos na cidade de Xapuri, grande maioria deste tinha curso de terceiro grau, porém, alguns dos professores tinham apenas o colegial, ou até mesmo um curso técnico. No quadro a seguir vê-se alguns nomes e seus devidos cargos dos que atuaram como professores do Curso Normal Ginásial na escola Divina Providência.

Quadro 8 - Corpo docente do Curso Normal Ginásial PERÍODO

Nome	Função
Dr. Atel Matos	Médico
Dr. Gondim	Juiz de Direito
Dr. Eugênio Raulino	Promotor Público
Dr. Alberto Zaire	Tenente e Advogado
Sr. Egídio Eustáquio de Oliveira	Fiscal de selos e consumo
Prof ^a Elais Meira	Normalista e Fiscal de Ensino
Ir. Petronilla	Freira
Pe. Filipe Gallerani	Padre
Ir. Presciliana Belon	Freira
Ir. Hildebranda da Pra	Freira

Fonte: Crônicas do Instituto Divina Providência.

O curso Normal Ginásial era de internato para as meninas, por se tratar de uma escola de freiras, no entanto, à época entre 1930 a 1960 cabia as mulheres o papel de educadora, o curso Normal Ginásial foi em um período da “feminização do magistério”. Louro (2010) no artigo com título, “Mulheres na sala de aula” afirma que [...]

[...] as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher

era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espírita”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocaçãõ” (LOURO, 2010, p.452).

A profissionalização da mulher para a sala de aula era importante para manter a tradição da mulher para o lar, a família, a mãe. E, ao fundar o curso Normal Ginásial no município de Xapuri era para seguir esse propósito de preparar a menina para a casa, porém auxiliando-a a buscar melhorias de condições de vida, portanto, professoras e artesãs. Os homens trabalhavam no comércio da seringa, no plantio. As mulheres tinham que se dedicar as coisas religiosas e aos filhos. As famílias preocupadas com o destino das filhas, procuravam encaminhá-las aos internatos.

Para o Curso Normal Ginásial as disciplinas eram bem voltadas para a religião e educação para o lar. A Congregação SMR disciplinavam as meninas com rigorosidade para permanecerem nos caminhos dos ensinamentos da Congregação. “Uma disciplina, é igualmente, para nós, em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte” (CHERVEL, 1990, p. 180).

Com seus manuais e normas as internas aprendiam desde a postura e comportamento feminino, prendas e bordados.

Os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que “passara pelos bancos escolares”. A postura reta, transcendia a mera disposição física dos membros, cabeça ou tronco: ela devia ser um indicativo do caráter e das virtudes do educando. As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas”, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura. As marcas de escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos (LOURO, 1997, p. 61-62).

No decorrer do período entre 1947 a 1970 as disciplinas ofertadas pela escola Divina Providência no curso Normal Ginásial alteraram algumas vezes. No ano de 1959 se ofertava na admissão do curso as disciplinas: Português, Inglês, Matemática, Ciências Naturais e Biológicas, História Geral, História do Brasil, Metodologia, Psicologia, O.S.P.B, Artes Femininas, Desenho e Canto.

Figura 14 - Exame admissional e disciplinas ofertadas no Curso Normal Ginásial

Nome do aluno: Marina Nunes Mansueto Estado: Est. do Acre
 Cidade: Xapuri
 Data do nascimento: 8-3-45
 Nome do pai: João Mansueto Zilber Nome da mãe: Marina Nunes Mansueto

EXAME DE ADMISSÃO

Nome do estabelecimento: Colégio Divina Providência Data: 21/2/59
 Cidade: Xapuri

PORTUGUÊS	ARITMÉTICA	GEOGRAFIA	HISTÓRIA	MEDIA GERAL
4,5	6,2	3,9	6,7	5,2

REGISTRO CIVIL: _____ OBSERVAÇÕES: _____
 Cartório: _____
 Livro: _____
 Folha: _____
 FIRMAS - no verso: _____

XAPURI INSTITUTO DIVINA PROVIDENCIA ACRE
CURSO NORMAL GINASIAL

	Português	Inglês	Matemática	Ciências X e Biológicas	H. Geral	H. do Brasil	G. Geral	G. do Brasil	Metodologia	Psicologia	Org. Pol. e Soc. Br.	Arte Femininas	Desenho	Canto	N. Global
1ª Série	5,2	-	6,2	5,9	-	5,7	4,4	-			6,0	5,5	6,7	8,4	5,6
2ª Série	5,0	4,0	4,7	5,0	4,0	-	4,5	-			5,9	5,9	6,1	5,8	5,3
3ª Série	5,8	6,1	7,6	5,2	5,3	-	-	6,0				5,0	7,4	5,3	6,0
4ª Série	5,1	7,3	5,0	7,9	5,2	-	-		6,6	7,2		-	-	-	6,52

Nome do Estabelecimento-Cidade: Colégio Divina Providência Ano: 1960 Inspetor: _____
 Nome do Estabelecimento-Cidade: Colégio Divina Providência Ano: 1961 Inspetor: _____
 Nome do Estabelecimento-Cidade: Colégio Divina Providência Ano: 1963 Inspetor: _____
 Nome do Estabelecimento-Cidade: Colégio Divina Providência Ano: 1966 Inspetor: _____
 Lugar e Data: _____ Diretor: _____ Secretário: _____

Fonte: Arquivo da escola Divina Providência

Enfatiza-se que 1970 o curso Normal Ginásial havia feito algumas mudanças nas disciplinas ofertadas. As disciplinas ofertadas trazem muitas leituras para se entender como era o processo educacional nesse período. Contudo, “a história das disciplinas não deve, entretanto, ser considerada como uma parte negligenciada da história do ensino” (CHERVEL, 1990, p. 183), todavia, é importante ser lembrada para compreender o antes e o depois.

Figura 15 - Currículo do Ginásio da escola Divina Providência de 1970

CURRÍCULO DO GINÁSIO DIVINA PROVIDÊNCIA = XAPURI = ACRE				
DISCIPLINAS	1a.	2a.	3a.	4a.
<u>Obrigatórias</u>				
Português	5	5	4	4
Matemática	5	5	4	4
História	2	2	3	3
Geografia	2	2	2	-
Ciências	2	2	-	2
<u>Optativas</u>				
Inglês	2	2	2	2
Desenho	-	-	2	2
<u>Complementares</u>				
O.S.P.B.	-	-	2	2
Ed.Mor.e Cív.	3	3	3	3
<u>Práticas Educ.</u>				
Educ. Física	2	2	2	2
Canto	1	1	-	-
Trab.Manuais	1	-	1	1
TOTAL	24	24	24	24

Xapuri, 4 de março de 1970.

Ima M. Regina Molinetti
Diretora

Fonte: Arquivo da escola Divina Providência

No ano de 1970 a escola Divina Providência continuava ofertando as mesmas disciplinas, exceto, com algumas mudanças. Na terminologia da disciplina “artes femininas” para “trabalhos manuais”, acredita-se que devido à presença, mesmo mínima de meninos, houvesse a necessidade da mudança do nome dessa disciplina, pelo fato dos meninos nessas aulas sentirem-se incomodados para algo voltado apenas para o público feminino. Outra mudança nesses dez anos de 1960 a 1970 foi acrescentado ao currículo escolar a disciplina de educação moral e cívica e educação física.

Desde que se compreenda em toda sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massas que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural. Se se pode atribuir um papel estruturante a função educativa da escola na história do ensino, é devido a uma propriedade das disciplinas escolares. O estudo dessas leva pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e, portanto, a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada, na passividade, de uma escola receptáculo dos subprodutos culturais da sociedade. Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990, p. 184).

Figura 16 – Quadro demonstrativo do pessoal docente e disciplinas ofertadas em 1972

QUADRO DEMONSTRATIVO DO PESSOAL DOCENTE DA ESCOLA "DIVINA PROVIDÊNCIA"							
N.º DE ORDEM	NOME DO PROFESSOR	MATERIA	QUALIFICAÇÃO DO PROFESSOR	CURSOS REALIZADOS	VÍNCULO NA ESCOLA	SITUAÇÃO NO REGISTRO	COLABORAÇÃO
1.	Irmã Anacleta dos Santos	Ed. M. e C.	Normalista	Aperfeiçoamento INEF	Grat. pelo Colég.		Diretora de C.D.P.
2.	Raimunda Euri Gomes Figueiredo	Português	Normalista	Aperfeiçoamento Port	" " "		
3.	Raimunda Madeiros Gonçalves	Português	Normalista	Aperfeiçoamento	Lotada no C.D.P.	Contratada Federal	Contabilista
4.	Sebastiana Barbosa Borges	Português	Contabilista		Grat. pelo Colég.		Inspetor de Ensino
5.	Eudécio Ferreira Lima	Matemática	Normalista	Aperfeiçoam. Matem.	" " "	Equadrado	Funcionário da SINAPE
6.	João Lopes Santos Filho	Matemática	Normalista		Lotado no CDP	Contratado F.	
7.	Raimundo Romão Gonçalves	Matemática	Normalista		Lotado no CDP	Equadrado	
8.	Mariano da Costa Gallo	História	Contabilista		Grat. pelo Colég.	Contrat. F. Lot. no Grupo	
9.	Solange Ribeiro Matos	História	Normalista		" " "	Equadrada Lotada no GAB	
10.	Márcia Vieira de Santana	Geografia	Contabilista	Aperfeiçoamento Geog	" " "	" " "	
11.	" " "	Ed. M. e C.	"	"	" " "	" " "	
12.	Giulildes Nunes Ferraz	Ciências	Normalista	Aperfeiçoamento INEF	" " "	Equadrada	Diretora do GAB
13.	Terezinha de Jesus Lima de Souza	Ciências	Normalista	Aperfeiçoam. Ciênc.	Lotada no CDP	Equadrada	
14.	Irmã Olga Lepni	Desenho	Normalista	Aperfeiçoam. Geograf.	" " "	" " "	
15.	" " "	Inglês	"	"	" " "	" " "	
16.	" " "	Religião	"	"	" " "	" " "	
17.	Jeffre Kouri	Inglês	Contabilista		Grat pelo Colég.		
18.	Irmã Giovanna Ginelli	Geografia	Universidade	Extensão Universit.	" " "		
19.	" " "	Música	"	"	" " "		
20.	" " "	Religião	"E	"	" " "		
21.	Marta Purhada da Costa	Português	Normalista	Aperfeiçoam. Port	Lotada no CDP	Empençada - Idocência	

Fonte: Arquivo da escola Divina Providência

Na figura acima, vê-se que no ano de 1972, não se oferta mais a disciplina de trabalhos manuais, contudo, acrescentou-se neste ano, a disciplina de religião e a disciplina de canto tornou-se, disciplina de música. Vale ainda salientar, que em 1972 o número de freiras atuando na escola é bem menor, porém nesse período a escola ainda é regida por freiras. Nesse ano é dirigida pela Irmã Maria Anacleta dos Santos. Todo esse processo de escolarização visto nos documentos é possível resgatar a cultura e mudanças que aconteceram no ambiente escolar nesse período e entende-la como instituição escolar.

Ao analisar o processo de escolarização primária no Brasil, atentando para questões referentes aos espaços e tempos escolares e sociais (e aos métodos pedagógicos), temos a possibilidade de interrogar o processo histórico de sua produção, mudanças e permanências, contribuindo para descobrirmos infinitas possibilidades de viver e, dentro da vida, formas infinitas de fazer a e do fazer-se da escola e de seus sujeitos (FILHO; VIDAL, 2000, p. 21).

O documento acima nos possibilita ver que no ano de 1970 parte dos professores convidados para atuar no Colégio Divina Providência recebiam gratificações, dentre outros como já ocupavam cargos públicos eram voluntários. A escola nesse período já era bem conhecida e conceituada.

3.5 Divina Providência: entre festas e orações

A escola é carregada de sentidos, todavia, a escola é produtora de cultura, “(...)a instituição escolar com espaço não de reprodução ou de mera transposição de conhecimentos externos, mas de produção do saber” (VIÑAO, 2008, p. 188). No âmbito do espaço escolar pode-se definir cultura partindo do conceito de Julia, pois assim define cultura escolar por “um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e os comportamentos a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão e assimilação de tais saberes e a incorporação desses conhecimentos” (JULIA, 1995, p. 354).

Entender a cultura escolar e ainda parte destas, como: festas escolares é compreender culturas históricas de um período longínquo da criação do colégio que foi início de século XX, contudo é importante para entender as formações culturais da escola Divina Providência, na cidade de Xapuri, Acre.

Estudar as manifestações culturais dessa escola é se prender de certo modo as influências da Igreja Católica, já que toda manifestação cultural da escola estava voltada para as ações da Igreja.

Portanto, no período de 1928, as educadoras da escola eram Madres, as festas eram a maioria de cunho religioso, como a comemoração dos dias dos santos, participação em missas, festa da crucificação, coroinhas, batismos, 1ª comunhão e crismas. Nas festas dos dias de santos, como a festa de São Sebastião, realizada em Xapuri desde 1902, costumavam fazer procissões, das quais várias pessoas pagavam promessas e vendiam comidas, artesanatos e outros utensílios com participação efetiva da escola Divina Providência.

O estudo sobre cultura escolar educacional é bem recente, e “(...) foi somente a partir da década de 1970 no âmbito dos debates sobre a crise educacional brasileira, que a cultura da escola foi realmente considerada objeto de investigação” (CÂNDIDO, 2007, p. 18). Pesquisar a cultura escolar de uma instituição que surgiu bem antes dos debates sobre essa temática é buscar entender como essa escola funcionava, como atuavam os professores, qual a intencionalidade dessa instituição para essa comunidade e compreender seu processo de escolarização dirigida por uma congregação católica.

É possível pensar que desde o surgimento da escola Divina Providência surgiu a partir de uma cultura voltada na intenção de transmissão de saberes, porém com modelos determinados por cada período e contexto histórico e em se tratando das festas escolares é possível entender uma característica muito peculiar de cada instituição, portanto, as festas já são pré-determinadas pelas escolas.

[...] as festas escolares expressaram aspectos da cultura escolar, constituída no período em questão, pois ao mesmo tempo em que a festa era regida por normas, pelo ensinamento de condutas e conhecimentos, era também composta de práticas coordenadas com finalidades educativas. As festas foram compostas de normas e práticas. As normas estabelecidas externamente pelos governantes que determinaram legalmente os dias a serem comemorados e um padrão de festa a ser seguido através de regulamentos e circulares enviados às escolas e internamente pelas instituições de ensino que reelaboraram essas normas e as transformaram em práticas significativas da escola (CÂNDIDO, 2007, p. 16).

Vale salientar, que no estado do Acre no início dos anos entre 1920 aos 1970 ainda não havia essa imposição por parte dos governantes sobre normas e festas postas pelo calendário do estado. Portanto, as freiras, se importavam em educar as meninas para as propostas da igreja e a vida do lar, das quais todas as festas eram voltadas para a Igreja.

O princípio do trabalho escolar das Servas de Maria Reparadora na cidade de Xapuri eram aulas de prendas e bordados, uma forma de ensinar um ofício às meninas pobres da cidade, todavia, os estudos das letras eram importantes para poder alfabetizar essas crianças, assim complementado na formação cultural dessas crianças.

A formação cultural pretendida pelas Servas se efetivava, no plano educacional através de aulas de prendas para as meninas, canto-coral e teatro infanto-juvenil para ambos os sexos. Durante essas aulas era comum a utilização de orações ensinadas pelas irmãs no intuito de propagar as devoções e costumes religiosos da Igreja Católica (BONFIM; SOUZA, 2005, p. 21).

As pregações religiosas e os bons costumes eram parte dos ensinamentos da Congregação, no entanto, haviam também as festas que premiavam as alunas. As festas de

premiação eram práticas também em outras escolas regidas pelas mãres como a o Instituto Santa Juliana, em Sena Madureira – Acre.

A festa da premiação. Para que esta fosse bem mais bem sucedida, no dormitório das meninas que é o local mais espaçoso do colégio, construímos um pequeno palco para a apresentação de um drama em um ato “vocaçãõ de São Luiz Gonzaga” e de algumas poesias a serem recitadas antes da premiaçãõ. Terminado o drama que agradou muito a todos os participantes, o Pe. fez uma breve relaçãõ do escolástico, leu as notas que as meninas haviam obtido nos exames e distribuiu os boletins, os prêmios e os cadernos (...). Na sala de visitas estavam expostos os trabalhos manuais das meninas que foram muito apreciados (BONFIM; SOUZA, 2005, p. 34).

A escola estava sempre presente nas festas comemorativas da cidade, com a preocupação de formar religiosos e “em relaçãõ à mulher, formaçãõ destinava-se a torna-la uma “mulher prendada”, justificava-se em razãõ de formar uma boa dona de casa, uma boa religiosa. Também as orações e a participaçãõ nas missas faziam parte de sua rotina” (BONFIM; SOUZA, 2005, p. 35)

FIGURA 17 - Missa de início do ano letivo



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

A figura acima dá indícios sobre a obrigatoriedade da presença das educandas na missa celebrada, todavia, a celebração acontece no espaço da escola regida pelas mãres. Grande parte das festas escolares realizadas pela escola eram festas religiosas, com a presença de religiosos como padres, freiras e outros párocos. Nessa região sempre foi muito comum as festas juninas que eram realizadas no espaço escolar, essas eram sempre voltadas em comemoraçãõ ao dia dedicado a algum santo da Igreja Católica e nessas eram vendidas comidas típicas e o auge da festa era a realizaçãõ de uma quadrilha³, a parte mais esperada da comemoraçãõ. Na grande

³ Dança típica muito realizada no nordeste do Brasil

maioria, os familiares dos educandos estavam efetivamente presentes nessas comemorações a fim de ajudar a arrecadar recursos para a manutenção da escola, e ao final da festa ficavam a cabo das educandas e alguns familiares à limpeza do local.

Ao analisar as imagens do arquivo da escola Divina Providência é possível compreender melhor a cultura da escola, as festas religiosas desenvolvidas pelas irmãs Servas de Maria Reparadoras e que perdurou por muito tempo. O lugar da comunidade xapuriense, que apesar dos muitos anos regidos pelas SMR e as mudanças que aconteceram ao longo dos sessenta anos, de 1928 a 1988, foi sempre o lugar de mudanças para muitos educandos que por ali passaram.

Ali, onde se aprende e se ensina, sempre é um lugar, cria-se um lugar; mas tal lugar pode variar no tempo para os alunos e para o professor. O primeiro não é usual, salvo para períodos temporais dilatados, para o turismo educativo ou em circunstância excepcionais” (VIÑAO, 1943, p. 66).

O espaço escolar é o lugar onde há suas significações e representações de um tempo; o lugar é tido como fonte histórica, fonte de culturas, dos quais os arquivos levam grande parte da história da instituição, assim, os arquivos da escola possibilitam uma variedade de pesquisa científica; pelos seus acervos pode-se conhecer desde a estrutura da escola até a parte pedagógica e administrativa.

Os estudos de instituições escolares representam, hoje, um tema de pesquisa significativo entre os educadores, particularmente no âmbito da história da educação. Tais estudos, realizados quase sempre no âmbito dos programas de pós-graduação em Educação, privilegiam a cultura escolar considerada na sua materialidade e nos seus vários aspectos. A expressão cultura escolar tem sido usada como uma categoria abrangente. (NOSELLA; BUFA, 2006, p.4)

As festas, comemorações representavam também a aproximação do alunado da escola Divina Providência ao conhecimento, todavia, estas festas estavam carregadas de sentidos, “o tema da festa escolar e de suas representações, como um espaço de sociabilidade capaz de contribuir na construção de interpretações históricas do universo escolar” (BENCOSTTA, 2010, p.247). Esse autor continua enfatizando sobre a importância das festas, o quanto essas representam no espaço escolar.

[...] as festas escolares são compreendidas como emissoras de uma linguagem coletiva que não deixa de lado sua característica primaz: expressar planos simbólicos diversos, apreendidos por aqueles que delas têm algum tipo de participação, como organizadores, personagens ou expectadores (...) o conjunto de festas escolares como produções do seu cotidiano, como uma ação, um tempo e um lugar determinado, o que resulta na concentração de afetos e emoções em torno de um assunto que é celebrado e comemorado, cujo principal produto é a simbolização da unidade dos participantes (BENCOSTTA, 2010, p.248).

Os eventos realizados na escola são objetos históricos como cultura de uma sociedade. Grande parte das festas escolares conta com a presença da família dos educandos, da sociedade e retrata os muitos significados da escola, como fonte de conhecimento e possibilidades.

[...] manter acesa a chama das atividades, incentivando o entusiasmo entre os alunos, levando-os a empregar neles o esforço e atenção possível. Podia, ainda, aproximar a escola da sociedade transformando-a em linhas básicas de comunicação entre ambas. Levaria, enfim, para o interior da família as notícias da escola, elaboradas de acordo com os interesses do Estado Novo (BENEVIDES, 1991, p. 65).

As festas da escola Divina Providência eram motivos para a atenção de toda a comunidade xapuriense, já que eram poucas as festas realizadas na cidade e muitas vezes as principais atrações artísticas partiam da escola, como a festa da páscoa. Os alunos representavam o nascimento e morte de Jesus Cristo, festa que parava a cidade.

[...] a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos (JULIA, 2001, p.10-11).

FIGURA 18 - Desfile 7 de setembro



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

As festividades na escola Divina Providência sempre eram organizadas a partir do contexto religioso, até mesmo nas comemorações do início do ano letivo. Nos anos letivos da

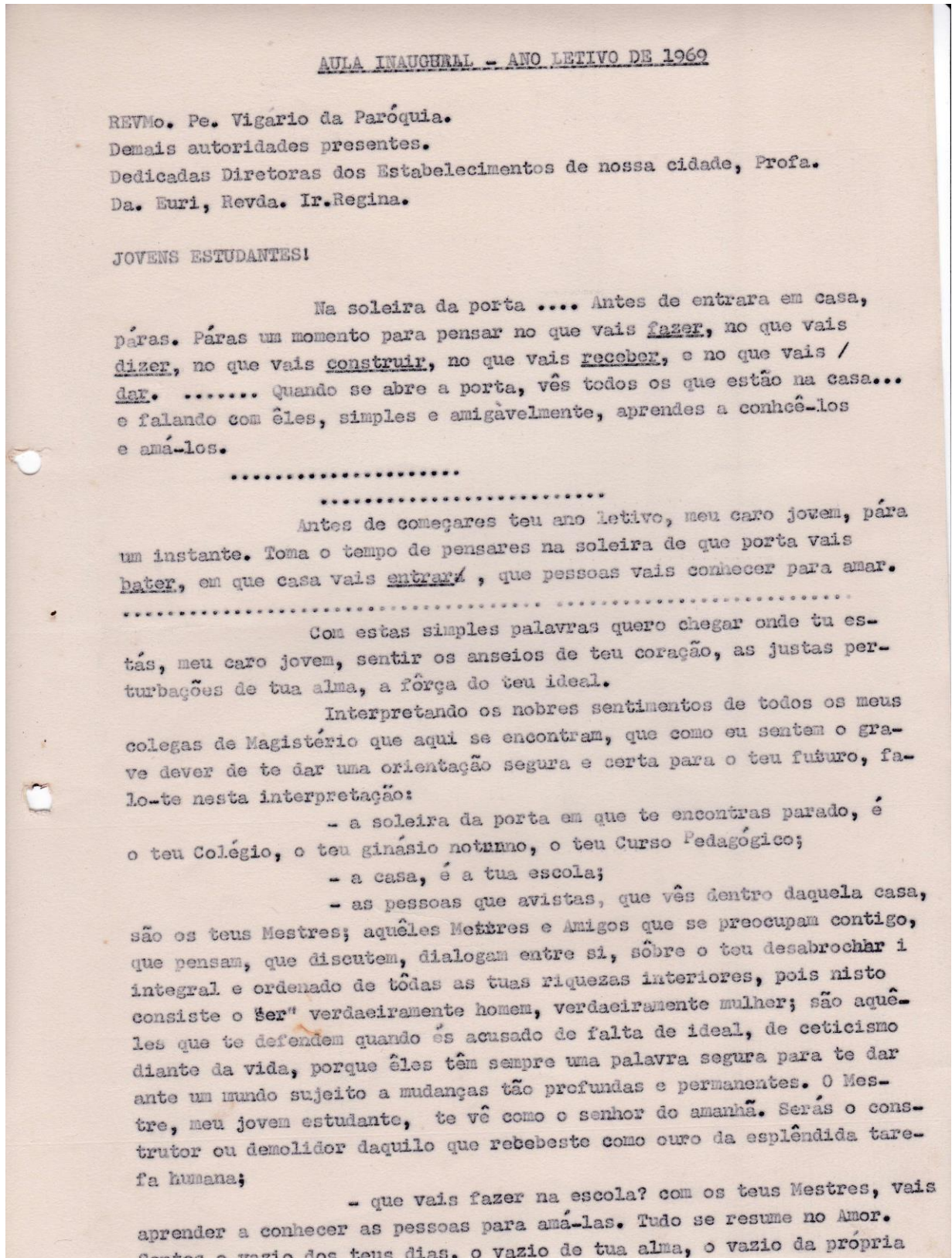
Escola Divina Providência era comum o Padre vigário rezar uma missa antes do início ano letivo que tinha a função de instruir aos discentes e aconselhá-los.

A figura seguinte traz um texto que era lido durante a celebração da missa a fim de orientar ao alunado, logo no primeiro dia de aula sobre sua postura, conduta durante o ano letivo. Discurso que faziam pensar tanto a comunidade como aos alunos sobre a importância da escola e dos estudos e sobre o futuro que os esperava. A escola tinha o papel de intervir nas necessidades da comunidade xapuriense, que era educar os filhos de Xapuri, constituindo-os como cidadãos.

Ainda, se as instituições surgem para satisfazer necessidades humanas, isto não significa que toda e qualquer necessidade humana exige a existência de alguma instituição para ser atendida. Sendo o homem um “ser de carência”, desde sua origem ele se move por necessidades, podendo-se, no limite, considerar que o que se chama desenvolvimento da humanidade se identifica com o processo de satisfação das suas necessidades. Esse processo, no entanto, se realiza, num primeiro momento, de forma espontânea, ou seja, a atividade se desenvolve de maneira assistemática e indiferenciada, não se distinguindo os seus elementos constitutivos. A partir de certo estágio de desenvolvimento, coloca-se a exigência de intervenção deliberada, identificando-se as características específicas que diferenciam a atividade em questão das demais atividades às quais se achava ligada. É a partir daí que determinada atividade se institucionaliza, isto é, cria-se uma instituição que fica encarregada de realizá-la. Em suma, podemos dizer que, de modo geral, o processo de criação de instituições coincide com o processo de institucionalização de atividades que antes eram exercidas de forma não institucionalizada, assistemática, informal, espontânea. A instituição corresponde, portanto, a uma atividade de tipo secundário, derivada da atividade primária que se exerce de modo difuso e inintencional (SAVIANI, 2005, p. 29).

A escola estava encarregada das comemorações que tomava a atenção de toda a comunidade. As aulas inaugurais eram sempre uma grande festa assistida por toda a comunidade xapuriense. Atividades institucionalizadas que faziam parte da cultura local e com a presença das autoridades.

FIGURA 19 - Aula inaugural do ano letivo de 1969



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

FIGURA 20 - Aula inaugural do ano letivo de 1969

ciência que o Professor te apresenta, meu jovem, porque não colocas Amor naquilo que fazes: não encontras tempo para admirar um jardim, cheirar uma flor, perceber a roupa maltrapida de uma criança que passa... O mundo precisa de calor humano, é isto que éle pede da juventude de hoje. Eis o que vais fazer na escola: conhecer para amar.

E tu, meu jovem, que vais dar à tua Escola? só queres receber? Não. Sei que tens grande desejo de doação. Tu vais dar, a maior e a mais valiosa contribuição possível à Tua Escola. Deverás colocar a serviço desta, todos os valores positivos de adolescente, de jovem que quer participação, ação, agrupamento, dinamismo, realidade, autenticidade, e a descoberta da finalidade suprema desta vida. Estarás dando à tua Escola, se procurares construir-te um Homem maduro e emocionalmente equilibrado, capaz de enfrentar as diversas situações da vida sem sofrer impactos e traumas que te frustrem ou deprimam. E, neste esforço, o papel de teu Mestre está, não em subtrair-te às dificuldades, mas em formar-te e orientar-te para uma opção consciente e segura. Deverás dar à tua Escola, o cultivo da tua inteligência, do teu coração, de tuas energias. Ela te diz: "Não sei, ó jovem, como te chamas. Não sei que curso frequentas: se o Colégio, a escola primária ou secundária, ou talvez a Universidade. De ti só sei uma coisa: é que és um jovem estudante, que trazes na alma a sorte futura da nação, que te preocupas com graves problemas, aos quais temos o gravíssimo dever de dar respostas sérias. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Portanto, agora, entra na Casa a que nos referimos no início da aula. As pessoas que lá estão esperam-te. E se soubesses até que ponto elas te amam, ficarias feliz de passar longos momentos na companhia delas. A mensagem cristã que lá vais encontrar, iluminará os teus horizontes, fortalecerá tua Fé no Cristo que procuras traduzir em tua vida, e ouvirás bem claro as palavras do Mestre dos Mestres: SE ALGUÉM TEM SÊDE, VENHA A MIM E BEBA. Nesse grande mistério de amor, o coração encontra verdadeiramente a satisfação dos seus desejos, e sente repletar-se esse vazio insondável que somente Deus pode encher com o infinito. Meu jovem: CRÊ - ESPERA - AMA pois como disse Lacordaire, escritor Francês, repito eu:

"O que sabemos do dia de amanhã, é que a Providência se levanta antes do sol".

E para encerrar esta minha aula, onde nos reencontramos Professores e alunos, para mais uma ano de luta, que não sabemos quantas surpresas éle nos guarda, gostaria de ler, aqui, um salmo que encontrei publicado numa Revista da nossa Literatura Moderna, publicado a título de poesia; intitula-se:

SENHOR, quero contigo caminhar. (SL 139)

Xapuri, em 2 de março de 1969.

DISSE;

Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

O primeiro dia do ano letivo era considerado uma grande festa para o município, além de ser rezado uma missa, era um momento de aconselhamento, e esse dia toda a movimentação era considerada como uma aula. No documento acima de 02 de março de 1969 é proposto nesse reencontro a leitura do Salmo 139 com o título, Senhor, quero contigo caminhar.

Dentre as festas realizadas na escola Divina Providência foi possível levantar do período de 1929 a 1975, que muitas comemorações estavam voltadas para dias santos, porém, além da grande festa católica em comemoração ao dia de São Sebastião⁴, também se comemoravam, Dia da Proclamação da República, Dia do Índio, Dia das Mães, Dia da Bandeira e comumente eram rezadas missas e orações, assim como cânticos da igreja; e todos os dias a formação da fila para o canto do hino nacional brasileiro, enquanto a bandeira era hasteada (CALIXTO et al, 1985).

Não recuso às festas escolares o caráter de partícipes do processo de escolarização; ao contrário, reconheço que elas possuem papéis diferenciados em frente à necessidade instrucional na transmissão e construção do conhecimento escolar, compõem o processo de formação educacional dos alunos. (...), mostrando que é possível entender a escola utilizando diferentes ângulos, lentes investigativas que foquem contextos ampliados ou lentes que converjam para pequenas frestas da realidade do passado. Diversos estudos, em diferentes campos das ciências humanas, afirmam que a festa é um fato social coletivo e carrega consigo um conjunto de significados que lhes são atribuídos conforme a história e a tradição em que foi gestada (BENCOSTTA, 2010, p.251).

Outra festa muito comum realizada anualmente pela escola, Divina Providência, trata de uma campanha realizada em prol dos mais pobres e necessitados e era o que mais tinha no município nesse período, pessoas necessitadas, inclusive os próprios familiares dos alunos da escola (KALUME, 1971). Praticamente toda ajuda a seringueiros e indígenas que viviam na cidade partia das ações da Igreja Católica e das Irmãs SMR, contudo as Irmãs conseguiam envolver toda a comunidade, principalmente aqueles que tinham mais condições financeiras. “Essas mensageiras da paz, da fé e da fraternidade, em quem uma população inteira aprendeu a confiar, como aprendeu a amá-las e admirá-las, imbuídas de suas altas responsabilidades” (KALUME, 1971, p. 71).

As imagens falam por si, ao demonstrarem toda a ação realizada pela Congregação vinda ao Acre; o olhar voltado para a educação em pesquisas históricas vem trazendo muitas respostas a questões nunca respondidas sobre o passado, sobre a escola, contudo os arquivos escolares servem como provas ou com função informativa do qual tem um grande valor histórico que servirão como fontes para que possam gerar inúmeras pesquisas, todavia, as histórias das instituições não fiquem perdidas no tempo.

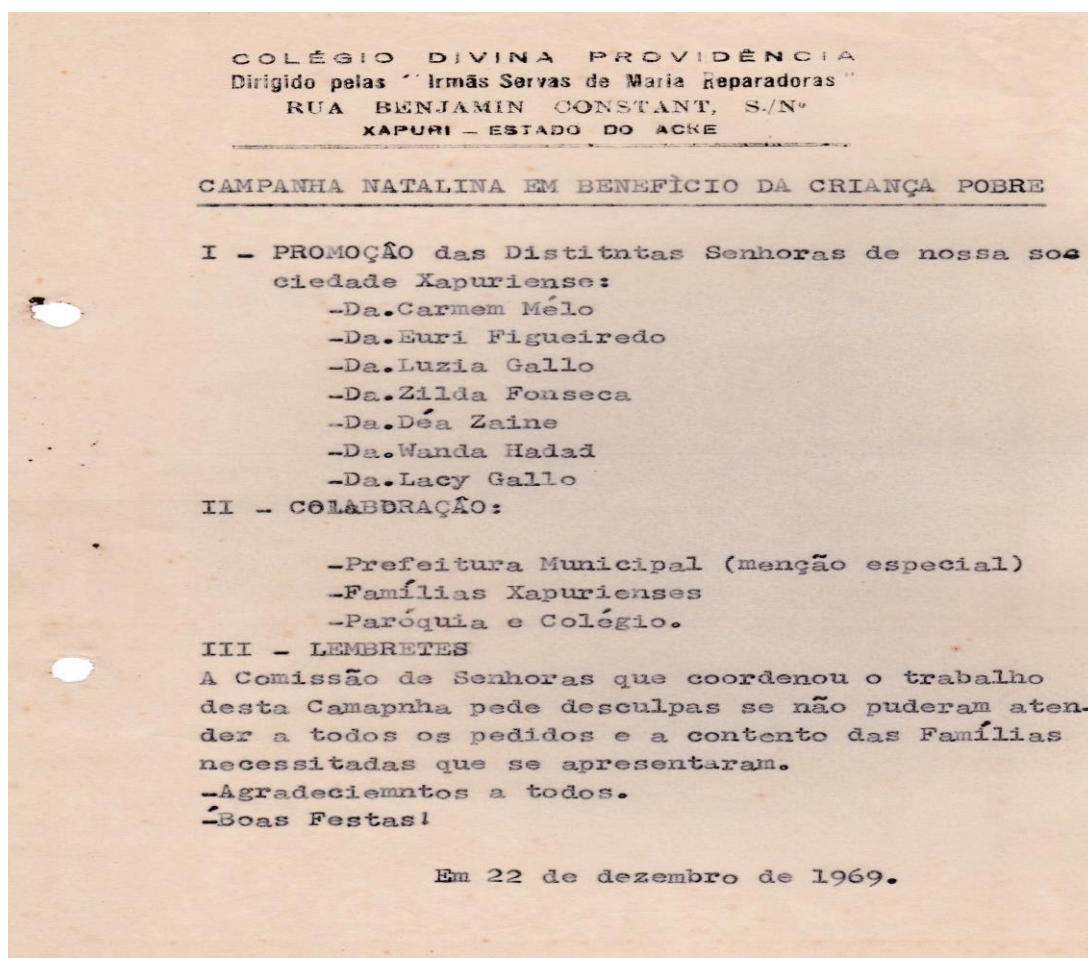
Por certo que as imagens revelam as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, que evidenciam como memória coletiva construída, estabelecendo, desse modo, laços de pertencimento, unindo os membros de um mesmo grupo. É também dessa forma, que se pode perceber como o compartilhar de sentimentos não é universal, muito

⁴ Festa Cultural em homenagem ao dia do Santo.

embora o modo como certas imagens são transmitidas tenda a criar padrões de comportamento e alicerçar identidades (PAES, 2011, p. 24).

A cultura mostra a identidade de um povo, cultura em Xapuri que foi influenciada por uma outra, a da Congregação SMR, que apontava seus modelos e era de certa forma religiosamente muito bem aceito pela sociedade local. E, a Congregação contava muito com o apoio de todos. Principalmente das damas de Xapuri.

FIGURA 21 - Campanha natalina realizada pela escola



Fonte: Arquivo da Escola Divina Providência

As irmãs Servas de Maria Reparadoras estavam sempre em contato com os governantes do estado e do município e principalmente com as damas elitizadas, que eram chamadas no documento acima, como - Distintas senhoras de nossa sociedade xapuriense e referidas como doutoras, pois ajudavam muito nas campanhas idealizadas pelas freiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das descobertas e inovações no período de 1921 a 1975, considerado como período modernista, a mulher passou a ser percebida além das responsabilidades da procriação e do lar. A expressão feminina foi bastante fomentada neste momento. Assim, as congregações femininas da Igreja Católica também encontraram espaço nesse momento saindo em missões, além dos campos da casa mãe. Com a expansão destas Congregações pelo mundo foi, todavia, um reconhecimento da Igreja da importância da mulher nessa era moderna.

Portanto, as escolas católicas femininas no Brasil tinham também esse propósito de ensinar o ofício do lar as jovens, como serem boas esposas e as meninas mais humildes seguiriam a vida religiosa, dedicando-se as obras da igreja.

São muitas as pesquisas que tratam sobre essas questões do papel feminino na igreja e que a representação destas, iam além da escolarização e de que “as congregações francesas chegavam ao Brasil não só para a fundação de colégios, é muito provável que trabalhassem em uma outra forma de educação que contribuísse para a feminização das práticas” (LEONARDI, 2008, p. 22). Abordar a mulher do além servir, mas como papel importante na sociedade, assim ainda sugere, LEONARDI, (2008, p. 23) “suponho que essas congregações atuavam em uma forma de educação feminina mais informal e ampliada, difundindo imagens do feminino em suas cerimônias, textos e em seus próprios corpos e contribuindo para a feminização da prática”.

As pesquisas contribui para a história da educação, já que abordar sobre o papel da mulher no contexto educacional, é tratar de um marco histórico, pois sabe-se que a mulher sempre teve papel secundário na história do mundo e do Brasil, pois por um período bem longo da história, a mulher somente tinha o papel no mundo de conceber aos filhos.

O desuso do cérebro a que a sociedade condenara a mulher, negando-se a instruí-la, seria o responsável pela menor evolução verificada das capacidades mentais femininas. Ora, se a desigualdade de capacidades intelectuais entre os sexos se devia a fatores de caráter histórico, a mulher não estava condenada a persistir na ignorância e, portanto, na inferioridade mental e social. A solução encontrava-se na educação feminina, capaz de permitir uma recuperação do atraso a que esteve sujeita [...] (SAFFIOTI, 1976, p. 206).

Contudo, nas ações religiosas que boa parte das mulheres foram lembradas pela história. E, ainda vale lembrar, que no Brasil de ponta a ponta a ação de escolarização e saúde das Congregações Católicas sempre se fizeram presentes.

Para a Igreja o setor da educação constitui uma peça vital em seu trabalho de evangelização. Em face do estabelecido pela Constituição de 1891, art. 72, parágrafos

6º e 7º - ‘o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos será leigo e nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial’ – era norma que o catolicismo montasse o seu esquema de escolas particulares, umas pagas, outras gratuitas, quer atenderiam em larga escala às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava [...]. As congregações religiosas, masculinas e femininas, virão encarregar-se desse serviço que para elas era também obra da Igreja. É impressionante, comparando-se com outras tarefas, o número de institutos religiosos que se fixam ou são criados no Brasil para atender ao mercado das escolas e colégios. Será por meio deles que o catolicismo prestará serviços preciosos à classe média e alta, sem esquecer de atender, também, às camadas desfavorecidas, ao mesmo tempo em que se beneficiará dos favores e do prestígio, como também das vocações que, em grande parte, sairão das camadas intermediárias (LUSTOSA, 1977, p. 54).

A grande maioria dessas congregações veio para o Brasil com a intencionalidade de difundir o catolicismo e ampliar a espacialidade de domínio da Igreja. No entanto [...]

[...] a educação oferecida pelas Irmãs São José, patrocinada pela oligarquia para o sexo feminino lançava suas bases no ultramontanismo, isto é, na autocompreensão que a Igreja Católica Romana desenvolveu após a Revolução Francesa. Em uma síntese, pode -se dizer que o ultramontanismo foi uma orientação política desenvolvida pela Igreja após a revolução Francesa, marcada pelo centralismo institucional em Roma, um fechamento sobre si mesma, uma recusa de contato com o mundo moderno, visando à sua própria sobrevivência (MANOEL, 2012, p. 5).

A Igreja não encarava com bons olhos as mudanças que aconteciam no mundo e assim acabariam perdendo espaço para as transformações do mundo moderno. Essas ações missionárias vieram como estratégias de difundir e manter de algum modo o poder do catolicismo, diante do exposto, as congregações missionárias começaram a se espalhar. Em 1859 já havia registros de irmãs vindas para o Brasil com o propósito de escolarizar. A elite já tinha essa preocupação de “dar educação escolarizada às suas filhas, mas uma educação religiosa Católica, criando para isso um colégio na cidade de Itu, em 1859, confiado às Irmãs de São José de Chamberry, vindas da França” (MANOEL, 2012, p.3).

Pode-se ver que antes dessa era moderna vimos presenças de congregações femininas, como é o caso na cidade de Itu em 1859, portanto, com número bem maior a chegada de freiras no Brasil foi mais frequente nas primeiras décadas do século XX.

No Acre as congregações católicas continuam bem atuantes, e contribuem muito para a história e historiografia desse estado, pois a “Região Norte do Brasil se destacou durante a segunda parte do século XIX como grande e única produtora do famoso “ouro negro”, a borracha” (LOPES, 2006, p.21). Essa Região ganhava visibilidade dentro e fora do Brasil. O estado do Acre ganhava espaço, logo a necessidade de conhecimento gritava aos quatro cantos do estado. A presença da congregação Servas de Maria Reparadoras no Acre, como uma ação da Igreja Católica, veio para amenizar o abandono dessa região pelo conhecimento, discurso bem enfatizado pelas SMR do Acre.

A história da educação no Acre é pautada em um contexto da história da Congregação Servas de Maria Reparadoras, já que estas foram as pioneiras da educação nesse estado. Muitas vozes teriam sido silenciadas, principalmente as femininas, se não fossem as ações da Congregação SMR.

Por muito tempo o Acre permaneceu às margens do silêncio da floresta amazônica, discursos alimentados ainda hoje, como por exemplo, o “Acre não existe”. Os ruídos feitos naquela região muito pouco ecoaram fora daquele lugar, mesmo o Acre tendo representado um grande diferencial na economia do país com o corte da seringa.

Se alimentado pelo discurso que gerou a partir da “invenção ou criação do Acre” é visto como um lugar apenas no imaginário do brasileiro, pensemos então sobre a educação dessa terra longínqua. Muitos protagonistas foram esquecidos pela história e, muito destes eram mulheres que deram a voz ao silêncio de um povo esquecido em meio a floresta. A verdade atual, pode-se afirmar que muita coisa mudou, mas, também que a educação muito ascende no Acre, principalmente na capital e pouco na cidade de Xapuri.

Xapuri atualmente é lembrada quando se trata da luta de Chico Mendes, porém, esquecida dos vários atores e heróis que vivem até hoje em uma luta constante de sobrevivência. Tiveram que abandonar a floresta para viver o urbano, expulsos pelos que se dizem donos da terra, e hoje vítimas e sobreviventes do urbano, da cidade que de certa forma os excluem.

[...] em todo estudo de história é abundante a referência à elite, mas pouco se fala da grande maioria que a ela se submete. Por isso também na história da educação são poucas as pesquisas dessa história silenciada, além da dificuldade de recolha de documentos (ARANHA, 2006. p. 124).

O xapuriense foi “esvaziado” da floresta que lhes dava o sustento, hoje os poucos que restaram estão mergulhados no vazio do urbano, urbano que lhes apresentou muito pouco do conhecimento. Precisa-se ouvir as vozes silenciosas daqueles que gritam e clamam em silêncio pedindo mais uma oportunidade de serem lembrados, alterando, assim, o discurso pregado pela história, o discurso do poder.

As massas flutuam em algum ponto entre a passividade e a espontaneidade selvagem, mas sempre como uma energia potencial, como um estoque de social e de energia social, hoje referente mudo, amanhã protagonista da história, quando elas tomarão a palavra e deixarão de ser a “maioria silenciosa” - ora, justamente as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio. Força de absorção e de neutralização, desde já superior a todas as que se exercem sobre elas (BAUDRILLARD, 1985, p.2).

Para colocar o xapuriense como protagonista da sua própria história, precisamos entender como ela ocorre, como se dá esse processo de construção da educação, ou seja, da própria identidade, esta que só foi percebida em sua imagem a partir do contato com as letras e os números, ou seja, a educação, em uma época que segundo Aranha (2006, p. 126) “o descaso pela educação popular se explica pela vigência de uma economia dependente e exclusivamente agrária, que não exigia mão-de-obra qualificada”.

A importância de estudos sobre educação é essencial para a nossa história. Identificar a identidade educacional de uma cidade que se construiu no seio da mata em meio à guerra e disputas pela terra, de um lado o seringueiro, do outro os pecuaristas. Mesmo assim precisamos falar de identidade, resgatar o que foi perdido.

A identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo — dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser "sagrada", pois foi "violada" — não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (HALL, 2003, p.30).

Na própria visão do xapuriense, ele se vê assim, dono das ruas da cidade, o não pertencente do urbano, as letras e os números são os que conectam ao urbano, a cidade e a verdade de si, de fracasso e de tormento. Muitos choram sentindo a falta da terra, do verde e do “inferno”. Sentem falta do aprisionamento das mentiras do reflexo. Poder enxergar o mundo como realmente é, o mundo raso do conhecimento os atormenta. Sentem falta do imaginário, dos sonhos de voltar para casa, e hoje massa, marginais da cidade e simplesmente só podem observar, contudo [...]

[...] na representação imaginária, as massas flutuam em algum ponto entre a passividade e a espontaneidade selvagem, mas sempre como uma energia potencial, como um estoque de social e de energia social, hoje referente mudo, amanhã protagonista da história, quando elas tomarão a palavra e deixarão de ser a “maioria silenciosa” - ora, justamente as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é *atual*, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio (BAUDRILLARD, 1985, p.2).

Falar sobre esses que permaneceram a margem é sempre muito importante para a construção da história real do que realmente passou por aqueles esquecidos no processo da construção da história. Estes que através da alfabetização conseguiram um espaço na história e na sociedade xapuriense.

Com base na atual situação educacional no município de Xapuri não há mais nenhuma escola particular e não perdurou nenhuma escola regida pela Igreja Católica e, ainda sobre o índice populacional cada dia diminui, devido ao deslocamento para a capital, em busca de estudos.

Vale salientar que o município recebe muito pouco de benefícios por parte do governo e no ano de 2015 houve uma grande enchente no Acre, e, a cidade de Xapuri foi praticamente toda atingida, ainda em 2018, após o ocorrido, a cidade não se recuperou da cheia, acabou isolado bem mais o município, e, uma parte da população está desempregada e vive praticamente da agricultura, há uma fábrica de preservativos que utiliza pouca mão de obra do seringueiro. O seringueiro está cada dia mais escasso nesse estado, pois grande parte das terras acreanas viraram pasto.

Portanto, essa história identitária que coloca hoje o xapuriense como protagonista da sua própria história e vê-se que a educação, o ensino, a escolarização que foi o grande diferencial para essa população, porém com um ensino limitado que iniciou com bastante força em relação aos outros municípios, perdeu-se em meio ao tempo moderno.

(...)essa experiência educacional tem também particularidades, por ser uma educação pensada para atender as necessidades político-sociais prementes de um segmento específico da sociedade: os trabalhadores da floresta, os seringueiros. É, ainda, uma experiência educativa que se erigiu com o propósito de alcançar soluções imediatas: preparar os seringueiros para lutarem pela posse da terra e pela proteção do meio ambiente, como também contra a ditadura militar e os governos locais (SOUZA, 2011, p. 20).

Logo, é possível afirmar que foi a luta de muitos, como o da Congregação SMR que pôde difundir a educação escolar no Acre. Em Xapuri a escola Divina Providência é a única escola de nível médio e, o trabalho de escolarização da Congregação SMR, perdurou na capital, Rio Branco, com apenas uma escola por nome de Imaculada Conceição e regida pelas SMR.

Muitos documentos se perderam na enchente de 2015. E, muito trabalho ainda precisa ser feito. Esta dissertação é apenas o ponta pé inicial, pois deixar morrer a história da escola Divina Providência e daquelas que a construíram é decerto um crime contra a história da educação desse lugar, que trouxe tantas novas possibilidades para a sociedade acreana.

REFERÊNCIAS

ACRE. **Relatório de Governo do Dr. José Thomaz da Cunha Vasconcellos**. Governador do Território, 1924 e 1925.

ALMEIDA, J. S. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: EdUNESP, 1998.

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1998.

ARAÚJO, J. C. S.; INÁCIO FILHO, G. Inventário e interpretação sobre a produção históricoeducacional na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: da sementeira à colheita. In: GATTI JÚNIOR, Décio & INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.) **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENCOSTTA, M. L. A. História da educação e cultura escolar: representações e imagens das festas escolares. In: VIDAL, D. G. et. al. **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, p. 245-268, 2010.

BENEVIDES, C. A. C. Infância e Civismo. In: **História em debate. Problemas, Temas e Perspectivas**. Rio de Janeiro: ANPUH/CNPq, p. 65 – 72, 1992.

BERTOLETTI, E. N. M. **Organização da escola primária em Paranaíba/MS (1935-1975)**. Congresso Brasileiro de História da Educação – CBHE, 2013.

BONATO, N. M. C. **Os arquivos escolares como fonte para a história da educação**. Revista Brasileira de História da Educação n.10, p.193-219, 2005.

BONFIM, M. B.; SOUZA, M. G de. **Entre prendas e bordados: a construção de uma educação formal no Instituto Santa Juliana**. Historiografia das práticas educativas das Servas de Maria Reparadoras no Instituto Santa Juliana nas décadas de 20 a 50. Rio Branco, Ac: Fundação Elias Mansour, 2007.

CALIXTO, V. de O. et al. **Acre uma história em construção**. Rio Branco, Acre, 1985.

CAMARGO, K. G. F. **Educação católica e presença dominicana em Goiás (GO): a cultura escolar no Colégio Sant'Anna (1940-1960)**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Mato Gosso do Sul, 2014.

CÂNDIDO, R. M. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas(1890-1930)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FEUSP, 2007.

CERIS, **Obras sociais da Igreja Católica**. São Paulo, 2000.

CERIS, **Pesquisa sobre as Escolas Católicas do Brasil**. Brasília, 1996.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares:** reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação. Porto Alegre, n. 5, p. 28-48, 1992.

COSTA, J. C. **A Conquista do Deserto Ocidental:** subsídios para a história do território do Acre. Brasília: Senado Federal, 2005.

CSMR, **Província Nossa Senhora de Aparecida.** Disponível em <http://rapido.congregacao-smr.com.br/csmr/>. Acesso em 23/06/ 2017.

DUBY, G.; P, M. História das mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna. v. 3. Porto: Afrontamento, 1993.

FARIA, A. C. de. Irmã Fábria (S.M.R) **As Servas de Maria Reparadoras – Da Itália à Amazônia: Experiências, Vivências e Práticas Transformadoras:** Rio Branco, Acre, 2001.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 2000.

FORQUIN, J. C. **Saberes escolares, imperativos dinâmicos e dinâmicas sociais.** Teoria & educação. Porto Alegre, n. 5, p. 28-48, 1992.

FRANCISCO FILHO, G. **A educação brasileira no contexto histórico.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

GENIO, M. R. D. **A força da fragilidade:** Uma biografia de Elisa Andreoli. Libreria Editrice Vaticana. Italia, trad. 2010.

GINELLI, G. **História da educação acreana.** Rio Branco UFAC/Departamento de Educação, (Relatório de Pesquisa), 1982.

GUINELLI, G. **História da educação acreana.** Rio Branco: UFAC/DE, v. I, II e III, 1982.
HALL, S. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 09-43, 2001.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico.** Trad. Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, n.1, p. 9-44, 2001.

JULIA, D. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques (org.). **História:** novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

KALUME, J. **Templo Inesquecível (Documentário).** Rio Branco, 1971.

LEONARDI, P. **Além dos espelhos.** Memória, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo. Tese de doutorado. São Paulo, 2008.

LIMA, M. F. **O Acre II:** nossa terra, nossa gente e nossas coisas. Rio Branco – Acre: Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre, 1984.

LOPES, M. E P de S. **Motivos de Mulher na Amazônia – Produção de Escritoras Acreanas no século XX**. Rio Branco, Ac: EDUFAC, 2006.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula, In: PRIORE, Mary del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 443-481, 1997.

LUSTOSA, O. de F. **A Presença da Igreja no Brasil**. História e problemas. 1500-1968. São Paulo: Editora Giro, 1977.

MACIEL et al. **Produção de borracha na Amazônia: uma discussão sobre o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Bonal**. Estado do Acre. Revista: Informações Econômicas, São Paulo, 2014.

MELCHIADES, D. **Trilhando diálogos com Baudelaire**. Disponível em <https://anarquiacerbral.wordpress.com/2009/12/14/trilhando-dialogos-com-baudelaire/> Acesso: 21/10/2016.

MOLLINETTI, M. R; BRIZZI, M. M. **Servas de Maria Reparadoras: Vivências Missionárias no Acre**. Rio Branco – Acre, 2017.

MORTATTI, M. do R L. **Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 89, n. 223, p. 467-476, 2008.

NAKASHIMA, M. **Chico Mendes por Ele Mesmo**. Livro-clipping. Editora: Martin Claret. São Paulo, 2006.

NOSELLA, P.; BUFFA, E. **As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico**. Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares UNINOVE, São Paulo. 2005.

OLIVEIRA, E F M de. **Educação básica no Acre, 1962-1983: imposição política ou pressão social**. Rio Branco: E. F. M. Oliveira, 2000.

PAES, A. B. **A escola primária rural em Mato Grosso no período republicano (1889-1942)**. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. 10 ed. Petrópolis, RJ, 1977.

SACRISTÁN, J. G. **Comprender e transformar o ensino/ J. Gimeno Sacristán e A. I. Pérez Gómez; trad. Ernani F. da Fonseca Rosa – 4. Ed. – ArtMed, 1998.**

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas**. Cadernos de História da Educação. Uberlândia, n. 4, p. 27-33, 2005.

SILVA, E. A. da. **Conquista e formação territorial do estado do Acre**. A Mira. ed. 162, 2006.

SOARES, H. S. **Leitores numa terra distante – práticas de leitura no Acre**. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista- UNESP/Araraquara, 2007.

SOUZA, J. D. de. **Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal - (re)colocações do Projeto Seringueiro (Xapuri/Acre - 1981/1990).** Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.

SOUZA, L. A. G. de. **Igreja, obras e justiça social: o contexto histórico.** Obras sociais da Igreja Católica. CERIS, ANAMEC. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

TOCANTINS, L. **Amazonas, natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica da Amazônia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/ Civilização Brasileira. 1982.

TORRES, R. M. **Alfabetización y aprendizaje a lo largo de toda la vida.** Instituto Fronesis. México, 2008.

VIDAL, D. G.; FILHO, L. M. de F. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 2000.

VIÑAO FRAGO, A. **A história das disciplinas escolares.** Trad. Maria Fernandes Braga. Revista Brasileira de História da Educação, n. 18, p. 173-215, 2008.

VIÑAO FRAGO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa/**Antonio Viñao Frago e Augustín Escolano: [tradução: Alfredo Veiga Neto]. 2ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANEXOS

Anexo 1: Arquivos da escola Divina Providência



Fonte: Arquivo do próprio autor

Anexo 3: Disciplinas ministradas no curso Normal Ginásial em 1963

INSTITUTO "DIVINA PROVIDÊNCIA"
XAPURI - ESTADO DO ACRE

AULAS ADMINISTRADAS NO CURSO NORMAL GINÁSIAL DURANTE O ANO DE 1963

1ª. série

MATÉRIAS.	março	abril	maio	junho	agosto	setem.	outub.	nov.	tot
Português	20	17	19	17	19	13	18	7	130
Matemática	15	14	16	14	14	15	15	6	109
Geografia G.	9	10	10	9	7	5	5	2	57
História B.	8	6	7	6	5	6	6	5	51
Ciências	9	5	7	7	7	5	4	7	51
Inglês	9	4	5	5	5	8	8	6	51
Música	5	8	5	6	7	8	8	4	51
Religião	4	4	4	4	4	2	4	1	27
T. Manuais	4	4	4	4	4	4	2	2	29
E. Física	-	6	6	9	15	9	6	-	51

2ª. série

MATÉRIAS.	março	abril	maio	junho	agosto	setem.	outub.	nov.	tot
Português	17	20	21	17	18	16	19	8	138
Matemática	14	13	14	12	17	8	6	8	92
Geog. Geral	7	5	6	6	7	4	7	9	51
História A.	7	6	6	5	7	5	8	7	51
Ciências	5	7	8	6	5	5	8	6	51
Inglês	10	5	5	7	4	7	7	7	51
Desenho	7	7	6	5	8	6	8	7	52
Música	6	7	9	4	4	1	4	7	46
Religião	4	4	4	4	2	2	4	2	29
T. Manuais	5	4	5	3	4	2	4	-	29
E. Física	-	6	6	9	15	9	6	-	51

Sandra Maria Paula Guizile
 Diretora

Imaculada Conceição Passan
 Secretária

Fonte: Arquivo do autor

Anexo 4: Disciplinas ministradas no curso Normal Ginásial em 1963

INSTITUTO "DIVINA PROVIDÊNCIA"
KAPURI - ESTADO DO ACRE

AULAS ADMINISTRADAS NO CURSO NORMAL GINÁSIAL DURANTE O ANO DE 1966

2a. série

MATÉRIAS	março	abril	maio	junho	agosto	setem.	outub.	novem.	tót.
Português	16	20	21	17	17	14	18	7	130
Matemática	15	16	17	12	16	13	16	7	112
Geografia G.	9	5	6	6	5	6	6	8	51
História G.	6	6	7	6	8	7	8	4	52
Higiene	5	6	8	7	6	4	7	8	51
Inglês	8	4	5	7	4	7	9	7	51
Latim	10	8	8	7	6	4	7	3	53
Desenho	7	6	7	6	5	8	6	6	51
Religião	4	4	4	4	2	1	4	3	26
T. Manuais	5	4	5	3	4	2	3	2	29
E. Física	-	6	6	9	15	9	6	-	51

4a. série

MATÉRIAS	março	abril	maio	junho	agosto	setem.	outub.	novem.	tót.
Português	12	19	25	15	17	20	21	7	136
Matemática	18	18	20	16	18	17	18	6	131
História G.	6	6	7	7	8	6	8	4	52
Biologia	5	6	8	7	6	4	7	8	51
Inglês	8	4	5	7	4	7	9	7	51
Latim	10	8	8	7	7	6	2	5	51
Psicologia	10	6	8	5	8	5	7	7	51
Metodologia	7	5	7	4	2	1	4	3	26
Religião	4	4	4	4	9	9	6	-	51
E. Física	-	6	6	9	15	9	6	-	51

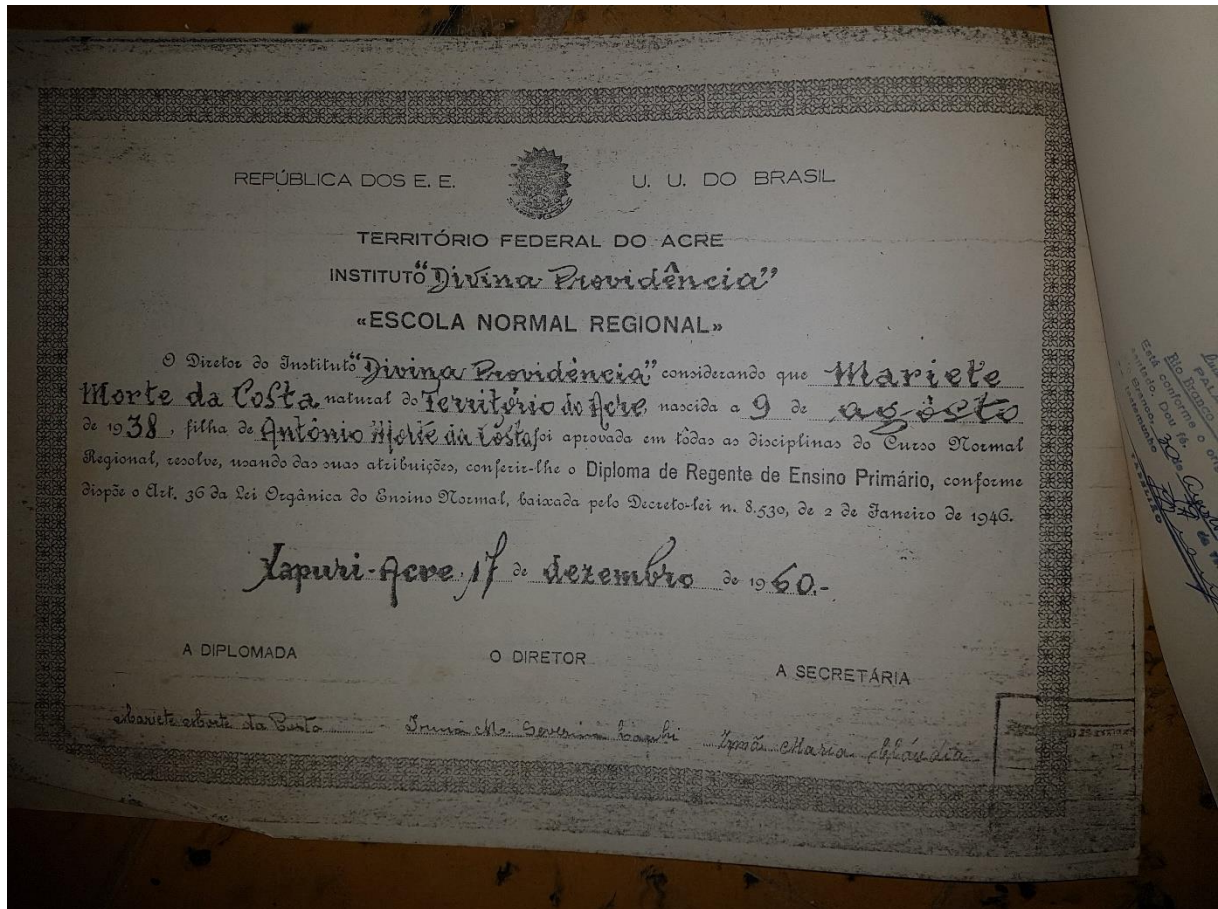
Kapuri - 10 de dezembro de 1966

Luiz Maria Paula Pizelli
DIRETORA

Luiz Maria Brazifina Passan
SECRETÁRIA

Fonte: Arquivo do próprio autor


Anexo 5: Diploma do curso Normal Regional



Fonte: Arquivo do próprio autor

Anexo 6: Convite Vocacional

ORAÇÃO VOCACIONAL DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS




Suor. Elisa Maria Andreoli

Senhor, nosso Deus, chamaste ao longo da História mulheres e homens para anunciarem teu projeto de Amor. Chamaste também, Madre Elisa Andreoli, mulher de fé e coragem que, aberta ao Espírito Santo, respondeu generosamente a Ti. Em Maria, Madre Elisa buscou inspiração para viver o Evangelho em comunidade e para servir os irmãos e irmãs.

Senhor, através desta tua discípula fizeste nascer na Igreja as irmãs Servas de Maria Reparadoras. Abençoa esta congregação com novas e autênticas vocações; renova nas irmãs e comunidade o ideal de Elisa Andreoli, para que o empenho de reparação ajude a transformar o mundo e construir nele o Reino anunciado e vivido por Jesus de Nazaré, teu Filho. Isto te pedimos Pai, pelo mesmo Jesus na unidade do Espírito Santo.

Amém.

Jovem,  Junte-se a nós

Se você ama Jesus e Maria, gosta de viver em comunidade, quer consagrar sua vida pelo Reino de Deus, é criativa, gosta de servir a Igreja no serviço missio-

nário, na educação, no zelo pela natureza e no serviço pastoral, então você tem tudo para ser uma SERVA DE MARIA REPARADORA.

CASA MADRE ELISA
 Rua 16 de Outubro nº 163 - Bairro Quinze - CEP 69901-200
 Rio Branco - Acre - Fone: (68) 3224-2361
www.smr.it